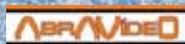


TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA

Para comunidades,
movimentos sociais e instituições
registrarem suas histórias

2009

Parceria



Apresentação	04
Introdução.....	06
Do que estamos falando.....	09
Diretrizes	12
Princípios.....	13
Etapas essenciais.....	15
Ideias viram projetos.....	19
Mobilizar o grupo.....	20
Contruir o sentido	24
Planejar as ações	27
Construir histórias	33
Minha história, nossa história	34
Qual é o nosso patrimônio?	40
A entrevista.....	42
Organizar histórias.....	67
Processar o conteúdo	69
Preservar o acervo	75
Socializar histórias	77
Produtos	79
Edição.....	80
Além dos produtos	89
Nossa história, nosso cotidiano	90
Glossário.....	92

Apresentação

Desenvolver uma tecnologia social da memória, que estimule comunidades, organizações da sociedade civil e empresas do país, de diferentes locais, perfis e trajetórias, a construir, organizarem e socializarem suas histórias, valorizando as experiências e os saberes das pessoas. Uma tecnologia que possa ser aplicada em larga escala, com boa relação custo-benefício, gerando desenvolvimento social. Esse foi o desafio assumido pela Fundação Banco do Brasil, que origina esta publicação.

Fundada em 1985, a atuação da Fundação Banco do Brasil tem sido sempre pautada pela promoção da cidadania e da inclusão social nas comunidades brasileiras, beneficiando milhares de pessoas. São projetos e programas que atendem às áreas de educação, geração de trabalho e renda e replicação de tecnologias sociais.

O empenho da Fundação Banco do Brasil em disponibilizar uma tecnologia social da memória começou em 2004, ao ser firmado convênio com a Fundação Universidade de Brasília. Foram 12 meses de projeto, que gerou um denso conteúdo conceitual. Esse rico material foi ponto de partida para um novo ciclo do trabalho, iniciado com o Instituto Museu da Pessoa.Net, em setembro de 2005.

O Museu da Pessoa é um museu virtual de histórias de vida, que visa garantir a oportunidade de toda pessoa registrar e compartilhar a sua trajetória. Sediado em São Paulo, o Museu realiza projetos de memória em empresas, sindicatos, associações, organizações não governamentais, escolas e comunidades, nas cinco regiões do país. Com base nas técnicas de história oral, desenvolveu uma metodologia para registro de narrativas pessoais, bem como uma prática de formação de agentes locais, que passam a elaborar e realizar suas próprias iniciativas de memória.

Em vista da lapidação da Tecnologia Social da Memória, essa prática foi discutida, aprofundada e sistematizada por um núcleo multidisciplinar do Museu da Pessoa. Numa ação piloto, ela começou a ser aplicada, no segundo semestre de 2005, à equipe da própria Fundação Banco do Brasil, durante a comemoração de seu 20º aniversário.

Após essa validação, o passo seguinte foi organizar um guia para difundir a primeira versão da Tecnologia Social da Memória, esperando ser útil e inspirador às mais diferentes iniciativas, que certamente renovam e enriquecem esta proposta.

JACQUES DE OLIVEIRA PENA
Fundação Banco do Brasil

Introdução

Você tem nas mãos a publicação de uma tecnologia social da memória. Aqui procuramos sistematizar de que maneira grupos, organizações e comunidades podem realizar projetos de memória e se apropriar de sua história.

Em 2008, a Fundação Banco do Brasil e a Abravídeo, tendo como executor o Museu da Pessoa, iniciaram uma ação de cooperação, voltada à aplicação, avaliação e atualização editorial da Tecnologia Social da Memória. Essa iniciativa se desenvolveu no âmbito de um projeto de pesquisa e da publicação de um livro sobre a luta da autonomia política do Distrito Federal.

A ação se realizou em um programa de formação de 60 horas e contou com a fundamental colaboração de sindicatos, organizações e movimentos sociais do Distrito Federal, de Brasília e das cidades-satélites. Profissionais do Museu da Pessoa conduziram a formação de representantes dessas organizações para que, ao mesmo tempo em que se tornassem aptos a aplicar a tecnologia em sua comunidade, discutissem, testassem e avaliassem o seu conteúdo, que você verá nas próximas páginas.

No grupo que participou da formação, as seguintes organizações estiveram presentes: Ordem dos Advogados do Brasil/DF, Sindicato dos Bancários do Distrito Federal, Sindicato dos Professores do Distrito Federal, Federação do Comércio do Distrito Federal, Universidade de Brasília, Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre), Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá (Cedep), Agência Imprensa Livre (Ágil), Associação Comercial do Distrito Federal, Associação Comunitária da Expansão do Setor O (Aceso), Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, além da Abravídeo.

Por fim, esta publicação concentra e sintetiza o trabalho de desenvolvimento dessa tecnologia, de 2005 a 2009. Ela está organizada em cinco capítulos: “Do que estamos falando”, “Ideias viram projetos”, “Construir histórias”, “Organizar histórias” e “Socializar histórias”. Em cada um deles, apresentamos conceitos e propomos atividades práticas para que um projeto de memória seja realizado conforme as necessidades de cada grupo.

Nossa missão é contribuir para tornar a história de cada pessoa valorizada pela sociedade. Esperamos que essa tecnologia motive novas comunidades a contar a sua história.

ABRAVÍDEO E MUSEU DA PESSOA

A OUTRA VIDA DO LIXÃO

“Eu conheci uma senhora que morava lá na Estrada Velha do aeroporto. Ela me levou pra casa dela, e a gente cortava folha. O pessoal lá na Bahia gosta muito de tomar banho de folha, de erva. Eu ia com ela pro mato, a gente cortava e vendia na feira do Curtume. Eu descia, de manhã cedo, pegava o primeiro ônibus, com Barbinha enganchada do lado. Todo mundo gostava dela, um dava um copo de mingau, outro dava uma banana, um biju... E nisso eu fui vivendo. Foi quando chegou um período de chuva, estava muito difícil pra gente cortar folha. Aí eu comecei a ir pro lixão.

Eu chegava no lixão, começava a catar. Catava lata, plástico, papelão. Barbinha ficava comigo. Eu fazia uma casinha, botava uns paus assim, forrava de papelão e ali botava ela, sentadinha ali, coberta por causa do sol.

Meu segundo marido – ele chama Raimundo Silva, ele ainda é vivo –, a gente se conheceu assim. Ele também morava lá dentro do lixo. Ele achava as coisas, me dava, eu lavava, ajeitava, fazia aquela panelada de comida, todo mundo comia. Foi quando eu consegui fazer o meu barraco, e ele começou a frequentar a minha casa. Ele gostava muito de Barbinha. Tudo que ele achava de brinquedinho, ele levava. E me ajudou a construir mais um vão, trazia uma tábuca. E a gente foi ficando. E nisso a gente ficou junto por 17 anos. Aí eu tive a Débora. Tive a Ivana, o Raílson e o Silmário.”

JOSELITA CARDOSO,

catadora de materiais recicláveis, nascida em 8 de agosto de 1960, em Salvador (BA), em depoimento ao Museu da Pessoa, em 2004

A História nunca está pronta nem é absoluta. O fazer histórico é um processo permanente, vivo, que diz respeito a todos nós. É impossível imaginar a vida sem História. Sem ela, não saberíamos quem somos, nem para onde vamos. Mais do que lembrar o que foi vivido, a narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que vivemos hoje e para onde vamos.

Existem muitas maneiras de entender o que é História. Como em toda forma de conhecimento, definir o que é História é também histórico, isto é, depende da época, da ideologia e dos objetivos de quem define. Mas é certo que todas incluem a produção de uma narrativa. De fato, o que fica da História são sempre narrativas, sejam elas produzidas por atores presentes ou passados.

Mas o poder de registrar e definir o que faz parte da História tem ficado concentrado em poucas pessoas e instituições. Muitas vezes, estabelece-se uma narrativa oficial, a única preservada e repetida nos livros didáticos, no cinema, na literatura, na mídia.

A certeza de que a narrativa histórica tem um papel valioso no desenvolvimento social do país e de que cada grupo pode ser produtor, guardião e difusor de sua própria história motivou a busca desta Tecnologia Social da Memória – um conjunto de conceitos, princípios e atividades que ajudem a promover iniciativas de registro de memórias e a ampliar o número de autores na História.

As próximas páginas trazem essencialmente a descrição de atividades e ferramentas de trabalho, enriquecidas com exemplos e relatos de experiência, além de conceitos e referências. Para começar, apresentamos as diretrizes que norteiam a proposta desta tecnologia.

O que é tecnologia social?

“Todo processo, método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil reaplicabilidade e impacto social comprovado.”
PENA, Jacques de Oliveira; MELLO, Clailton José. “Tecnologia social: a experiência da Fundação Banco do Brasil na disseminação e reaplicação de soluções sociais efetivas”. In: *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004, p. 84.

Diretrizes

A Tecnologia Social da Memória reúne práticas, conceitos e princípios essenciais para que públicos diferenciados, com objetivos diversos, possam se apropriar da metodologia de registro e produção de narrativas históricas. Ela foi elaborada a partir das seguintes diretrizes:

- Para quem? – A Tecnologia Social da Memória pode ser usada por toda comunidade, organização social ou empresa que queira construir, organizar e socializar sua história. Diferentes pessoas (e não só especialistas da área) podem ser mobilizadas e formadas para conceber e desenvolver um projeto coletivo de preservação da memória.
- Com quê? – Além de documentos, objetos, monumentos e espaços, esta tecnologia propõe a valorização da memória das pessoas.
- Por quê? – A memória e a história estão ligadas à construção da identidade de um grupo, bem como à mudança e à preservação de valores e visões de mundo. Toda pessoa e/ou grupo tem direito de participar da produção da memória social. Mobilizar pessoas e diferentes grupos sociais para produzir e socializar suas histórias é democratizar a produção do conhecimento em nossa sociedade.
- Para quê? – Produzir novas histórias permite repensar e reordenar padrões e valores muitas vezes assumidos como absolutos. Articular pessoas e grupos por meio do registro e da difusão de suas experiências pode impulsionar processos de mudança das relações na sociedade. Um projeto de memória pode ainda colaborar para o enfrentamento de desafios sociais específicos, especialmente na área de Educação, Comunicação e Desenvolvimento Comunitário.

Princípios

“*A história oral não é, necessariamente, um instrumento de mudança; isso depende do espírito em que seja utilizada. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e, na produção da história, pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.*”

(THOMPSON, 1992, p. 22)

Antes de apresentar as principais etapas de trabalho para o desenvolvimento de um projeto de memória, vale refletir sobre os princípios que norteiam esta proposta:

- A História é uma narrativa. Não há uma única História já pronta. Ela é sempre narrada, contada por alguém. É um processo vivo, permanente. Por mais que fale do passado, a História é feita no presente e, de acordo com a percepção do grupo, ela pode mudar.
- A História é feita pelas pessoas. Toda pessoa é personagem e autora da História. De um lado, ela faz parte e se relaciona com os acontecimentos e rumos coletivos. De outro, participa da autoria desse registro. Como titular de sua trajetória de vida, toda pessoa tem direito de decidir o que quer contar sobre sua experiência, bem como de que forma e para quem quer transmiti-la.
- Toda história tem valor. A história de cada pessoa ou grupo é única, tem valor e merece ser preservada e conhecida. Não há histórias melhores ou piores, nem mais ou menos importantes.

- O uso das narrativas históricas faz parte do cotidiano. A história produzida merece ser preservada para as futuras gerações, mas só é preservado o que tem sentido social. Integrado ao dia a dia presente, de forma acessível e útil, o registro e o uso das histórias se perpetua. Tão importante quanto contar uma história é fazer com que seja ouvida e usada.
- O que é produzido socialmente deve ser apropriado pela sociedade. A história de cada um diz respeito à história de toda a sociedade. Deve-se garantir o acesso público e o amplo uso das narrativas históricas.
- A articulação das histórias contribui para uma nova memória social. Articuladas, as narrativas produzidas por diferentes indivíduos, grupos e instituições tecem uma nova memória social, plural e democrática.

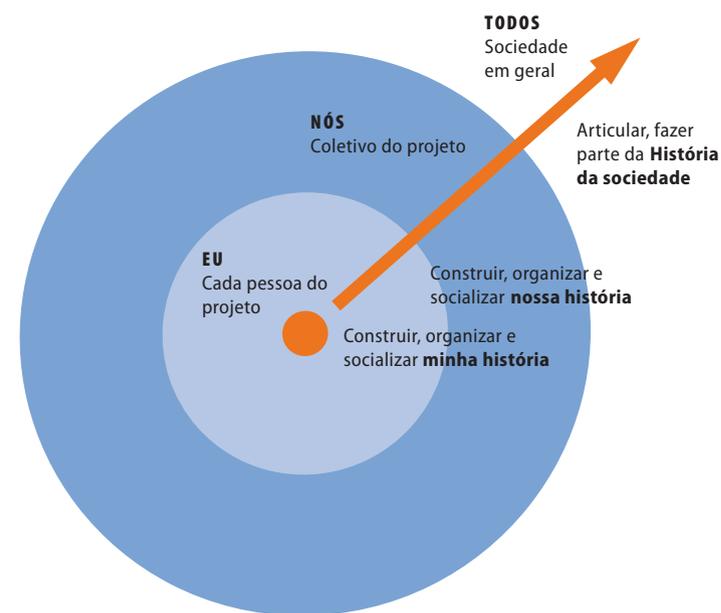
O que é memória?

Há várias maneiras de entender o que é memória, dependendo da área do conhecimento, da época e da cultura que considerarmos. Neste guia, compreendemos que memória pressupõe registro – ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar.

Etapas essenciais

A Tecnologia Social da Memória inclui três etapas fundamentais que se complementam: construir, organizar e socializar histórias.

Esse percurso acontece em diferentes dimensões. Começa com cada pessoa contando, organizando e socializando sua própria história. Essa história se relaciona com outras do seu grupo e compõe uma história coletiva. E esta, por sua vez, faz parte de uma rede mais ampla de histórias dos indivíduos e grupos que compõem a sociedade atual.



Propomos três etapas para a realização de um projeto de memória: construir histórias, organizar histórias e socializar histórias. Não são etapas estanques ou sucessivas. Na verdade, acontecem em paralelo e se entrelaçam continuamente.

- 1.** Construir histórias (pág. 33) – O grupo é estimulado a produzir narrativas, coletar documentos, fotos, objetos e identificar espaços e construções que considere parte de sua história. Da história individual à história coletiva, o grupo pode usar diferentes ferramentas (entrevistas, rodas de histórias, linhas do tempo, seleção e coleta de objetos, fotografias) para produzir registros que se tornam fontes e referências de sua história.
- 2.** Organizar histórias (pág. 67) – Para que os conteúdos registrados e coletados na primeira etapa possam ser utilizados pelo próprio grupo ou por outros públicos, é necessário organizar a história produzida. Acima de tudo, esta etapa permite que o usuário acesse e relacione esses conteúdos e estabeleça novas conexões entre eles.
- 3.** Socializar histórias (pág. 77) – O ciclo só se completa quando o conteúdo produzido é socializado. Toda história pressupõe troca – as narrativas só existem à medida que, além de narradas, sejam também escutadas e interpretadas por alguém. Essa socialização pode acontecer em diferentes níveis: do próprio grupo envolvido ao público mundial da internet. É nessa teia que as narrativas se conectam, abrindo novas possibilidades de interação social.

O primeiro aprendizado, antes de partir para contar e registrar histórias, é o planejamento dessas etapas, quando as ideias viram projetos.

O que é História?

Como a memória, há inúmeras maneiras de definir e interpretar o que é História. O objeto da História também pode variar: história das ideias, de uma nação, de um determinado grupo, história de uma vida. Neste guia, vamos utilizar o conceito de que toda história é sempre uma narrativa organizada por alguém em determinado tempo e implica uma seleção. E essa construção ocorre, invariavelmente, no presente, por um ou mais autores.

Ideias viram projetos



- Mobilizar o grupo
- Construir o sentido
- Planejar as ações

Mobilizar o grupo

“Mobilizar é convocar vontades (...).

Convocar vontades significa convocar discursos, decisões e ações no sentido de um objetivo comum, para um ato de paixão, para uma escolha que contamina o cotidiano.”

BERNARDO TORO E NISIA WERNECK

Mobilizar as pessoas de sua comunidade (organização, associação, bairro, empresa, universidade...) é o ponto de partida para a construção coletiva de um projeto de memória. É fundamental que elas encontrem algum sentido em olhar para o passado e para a história que as une. Se o grupo não conseguir responder *para que* e *por que* participar dessa empreitada, o projeto não acontecerá.

Quem mobilizar? Quanto mais variadas as pessoas envolvidas, maior a chance de ampliar o olhar, somar habilidades e gerar desdobramentos da iniciativa. As pessoas devem aderir de maneira espontânea, tendo a chance de conhecer a proposta e expor suas inquietações.

Uma boa estratégia para **sensibilizar** e envolver as pessoas é garantir que elas **vivenciem** a proposta que foi apresentada. Abra espaço para que cada um **ouça** e **seja ouvido**. Estimular que as pessoas do grupo puxem o fio da memória por meio de atividades pode ser mais eficiente que organizar uma reunião na qual poucos falam e muitos escutam.

EM AÇÃO

→ Linha do tempo individual

- Distribua, entre os participantes do grupo, papel, tesoura, cola, canetas coloridas e imagens (podem ser de revistas, jornais ou xerox de fotografias antigas). Também podem ser usadas cópias de fotos próprias.
- Lance algumas questões que podem estimular a reflexão para a construção da linha do tempo:
Quais são os principais marcos de sua vida? Por que são marcos?
Quais as pessoas significativas?
Quais as escolhas?
Quais as rupturas? Por que são rupturas?
- Peça que cada pessoa faça a linha do tempo de sua história individual. Estimule o uso das cores, das imagens e dos desenhos para compor a produção. As pessoas terão no mínimo uma hora para fazer a sua linha do tempo.
- Em seguida, os participantes podem se organizar em grupos de três ou quatro pessoas e compartilhar suas histórias.
- Depois, cada grupo pode discutir e identificar as principais semelhanças e diferenças que aparecem em suas linhas do tempo. ...>
- Solicite que uma pessoa de cada grupo apresente as diferenças e semelhanças identificadas.

Linha do tempo de Josefa Santos

Eu nasci em Taguatinga (DF), no Hospital São Vicente de Paulo. Nasci depois dos nove meses, bem pretinha, quase morri. Minha mãe chamava seus filhos de meus bichinhos.

Ganhei um radinho de cor vermelha do meu irmão. Sempre gostei de música.

Ganhei do meu primeiro namorado uma música linda, feita só pra mim.

Comecei a trabalhar no Sindicato dos Bancários de Brasília.

Viajei a Paris para o encontro mundial da juventude católica, para apresentar o trabalho com meninos e meninas de rua no Brasil. Fiquei lá 29 dias.

7 de junho de 1967

1972

1975

1976

1982

1985

12 de fevereiro de 1996

20 de outubro de 1996

Julho de 1997

28 de fevereiro de 1999

Aprendi a ler e minha primeira professora se chamava Nadir.

Com 9 anos, aprendi a bordar com minha mãe. E ganhei uma agulha de crochê da minha irmã.

Briguei com meu pai e resolvi sair de casa. Minha mãe segurou em minha mão e pediu que eu ficasse.

Conheci Jesus, que sempre esteve presente na minha história através da minha mãe, que me levava pra igreja com ela.

Minha mãe faleceu. Ela teve 11 filhos e criou mais 3. Com a morte da minha mãe, fiquei mancando da alma.

A construção de uma cronologia estimula as pessoas a organizarem sua própria história. Ela permite que cada uma visualize a sua trajetória como um todo, ao mesmo tempo em que se vê diante do desafio de fazer escolhas e selecionar o que quer contar e registrar.

A partir dessa metodologia, também é possível conversar com o grupo sobre os conceitos de **memória e História**.

Lembre-se: a mobilização é um processo educativo e, portanto, contínuo, resultado da iniciativa de sujeitos. Acontece não apenas nos encontros de sensibilização, mas também no “corpo a corpo”, nas conversas cotidianas, na inserção gradual do tema – a memória – no dia a dia da comunidade.

| EXPLORE O GUIA |

Nas páginas 34 e 37, você encontra outras sugestões de atividades que podem ser feitas durante a etapa de sensibilização e mobilização. Roda de histórias e linha do tempo coletiva são metodologias que cumprem, ao mesmo tempo, duas funções: sensibilizar e construir a história do grupo.

| UM PASSO A MAIS |

NA INTERNET:

Mobilização Social, por Antonio Lino.

<http://www.museudapessoa.net/ummilhaio/biblioteca/mobilizacaosocial.pdf>

Construir o sentido

Para realizar projetos que tenham significado para as instituições, entidades, associações, comunidades, é importante construir seu sentido com o grupo. Essa etapa é necessária para **alinhar expectativas** e **estabelecer as diretrizes** que formarão a base do projeto. Quanto mais coletiva é a construção dessas diretrizes, envolvendo diferentes pessoas do grupo, maior é a possibilidade de que o projeto se torne uma prática permanente na comunidade.

Veja o diagrama.

O grupo (os autores da narrativa) está no centro:



Que memória o grupo quer registrar, que história o grupo quer contar? Seu papel é o de selecionar, registrar, organizar e articular uma narrativa. Uma série de elementos influi nessa articulação.

Podemos revelar esses elementos por uma sequência de perguntas: Por que queremos registrar? Para que queremos construir esta história? Onde está nossa memória? Para quem queremos contar nossa história? As respostas irão nortear o trabalho dos autores do projeto e acabar definindo o tipo de narrativa histórica e os produtos que resultarão da iniciativa. Cada uma dessas questões traduz uma escolha. O conjunto das respostas estabelece as diretrizes do projeto.

EM AÇÃO

→ Diretrizes do projeto

- Corte pedaços de papel ou cartolina (tarjetas) do tamanho de uma folha de sulfite partida ao meio. Separe também canetinhas.
- Escolha um local visível (pode ser na parede ou em um quadro, se houver) onde você vai organizar a seguinte tabela:

Nossa memória	Sentidos da memória	Objetivos	Fontes de história	Públicos	Produtos
Que memória queremos registrar?	Por que queremos registrar essa memória?	Para que queremos construir essa história?	Que material consultaremos? Quem vamos entrevistar?	Para quem queremos contar nossa história?	Como vamos socializar nossa narrativa?

- Se o grupo de sua comunidade for grande ou se houver muitas comunidades/entidades participando, divida as pessoas em subgrupos.
- Distribua para cada grupo as tarjetas e canetinhas coloridas.
- Estimule que eles discutam as perguntas que aparecem na tabela acima (também presentes no diagrama).
- Depois, cada grupo deve sintetizar nas tarjetas as respostas a que chegou para cada pergunta. Vale lembrar que, para cada pergunta, haverá uma tarjeta correspondente.

- Abra espaço para que cada grupo apresente suas conclusões para os demais e preencha a tabela com suas respostas (cole as tarjetas com fita crepe na coluna correspondente).

Exemplo:

Nossa memória	Sentidos da memória	Objetivos	Fontes de história	Públicos	Produtos
Que memória queremos registrar?	Por que queremos registrar essa memória?	Para que queremos construir essa história?	Que material consultaremos? Quem vamos entrevistar?	Para quem queremos contar nossa história?	Como vamos socializar nossa narrativa?
Memória da Rede Social de Presidente Prudente.	Porque os vínculos em nossa entidade estão enfraquecidos.	Fortalecer e valorizar a identidade da nossa organização e das pessoas que fazem parte dela.	1. Fotografias e jornaizinhos antigos da organização 2. Entrevistas: Maria, Kátia, João, Marcos, Raimundo.	Para a comunidade de Presidente Prudente.	Livro e evento público.

- Quando os grupos acabarem de compartilhar suas respostas, todos podem coletivamente analisar, comentar e verificar a coerência e a eficácia das propostas apresentadas. Enquanto as pessoas falam, podem ser elaboradas novas respostas e substituídas as tarjetas na tabela até que se chegue ao resultado final.

A tabela mostrará, então, uma síntese com as diretrizes que nortearão o projeto. É hora de planejar as ações!

Sentidos da memória

Identidade, tradição, autoestima, registro de saberes e preservação de valores são, muitas vezes, razões que mobilizam um grupo para dar início a um projeto de memória.

Objetivos do projeto

Comunicação, mobilização, criação de coesão do grupo, avaliação, sistematização e gestão do conhecimento são objetivos que respondem a essas demandas.

Planejar as ações

Como vamos concretizar o que idealizamos anteriormente? Teremos que definir as ações e também determinar em que momento cada uma delas acontecerá. Mais: é preciso refletir sobre os recursos (materiais e humanos), dividir tarefas e traçar estratégias para buscar parcerias.

Quais serão as ações e etapas?

É preciso listar todas as ações que serão executadas ao longo do projeto, desde a mobilização do grupo até a confecção dos produtos, e agrupá-las em etapas.

Quando cada uma será realizada?

Quanto tempo o grupo usará com cada ação e etapa? Quais são as mais importantes, prioritárias? Quais devem ficar por último? Quais acontecerão ao longo de todo o projeto?

| DICA |

O projeto pode ser planejado em módulos, o que possibilita que o trabalho comece com menos recursos.

Do que vamos precisar?

A partir da lista de ações, podemos pensar naquilo que será necessário para concretizá-las. Estamos falando de recursos materiais. Vamos supor que você faz parte de uma associação de bairro. Durante a definição das etapas, seu grupo decidiu entrevistar pessoas que moram na comunidade há mais de 20 anos. Do que vocês vão precisar? Para começar, de um gravador ou filmadora para realizar as gravações.

Quem faz o quê?

Você faz parte de uma associação de bairro e vai realizar entrevistas. Seu grupo também vai precisar se organizar para dividir o trabalho. Essa distribuição depende muito do perfil de cada membro do grupo e da disponibilidade de cada um. Durante a divisão de trabalho, é importante que cada pessoa do grupo pense sobre o tempo que tem disponível para realizar as atividades do projeto. Além disso, cada um deve se sentir confortável na função à qual se propôs.

| DICA |

Voluntários podem ser mobilizados para participar de diferentes maneiras do projeto. Mas é importante que a equipe pense no perfil das pessoas que serão chamadas, defina prazos e atribuições, além de se preparar para dar o suporte e o acompanhamento necessários.

Quais são os possíveis parceiros?

A conquista de parcerias é, muitas vezes, vital para que o projeto se realize plenamente. Ela permite agregar os equipamentos, profissionais, materiais e estrutura necessários para sua realização. Mas, acima de tudo, a conexão com escolas, museus, organizações sociais, empresas, sindicatos, jornais, rádios, TVs, universidades, entre tantos outros atores sociais, garante a difusão e o uso da história produzida. Para mapear os potenciais parceiros: Qual a nossa demanda? Quem pode ter esse recurso? O que podemos oferecer em troca?

| DICA |

O mapeamento das iniciativas de memória já existentes é uma etapa importante de construção do projeto. Além de permitir a troca de informações e experiências, a parceria com outros projetos evita que sejam repetidos os mesmos esforços, potencializando os resultados.

Veja o exemplo, na página ao lado, de um projeto, elaborado a partir das questões que discutimos agora:

| EXPLORE O GUIA |

Este guia foi elaborado para que você possa desenvolver o projeto todo. Em **Construir histórias** (pág. 33), estão descritas as metodologias que o grupo pode aplicar para registrar sua memória.

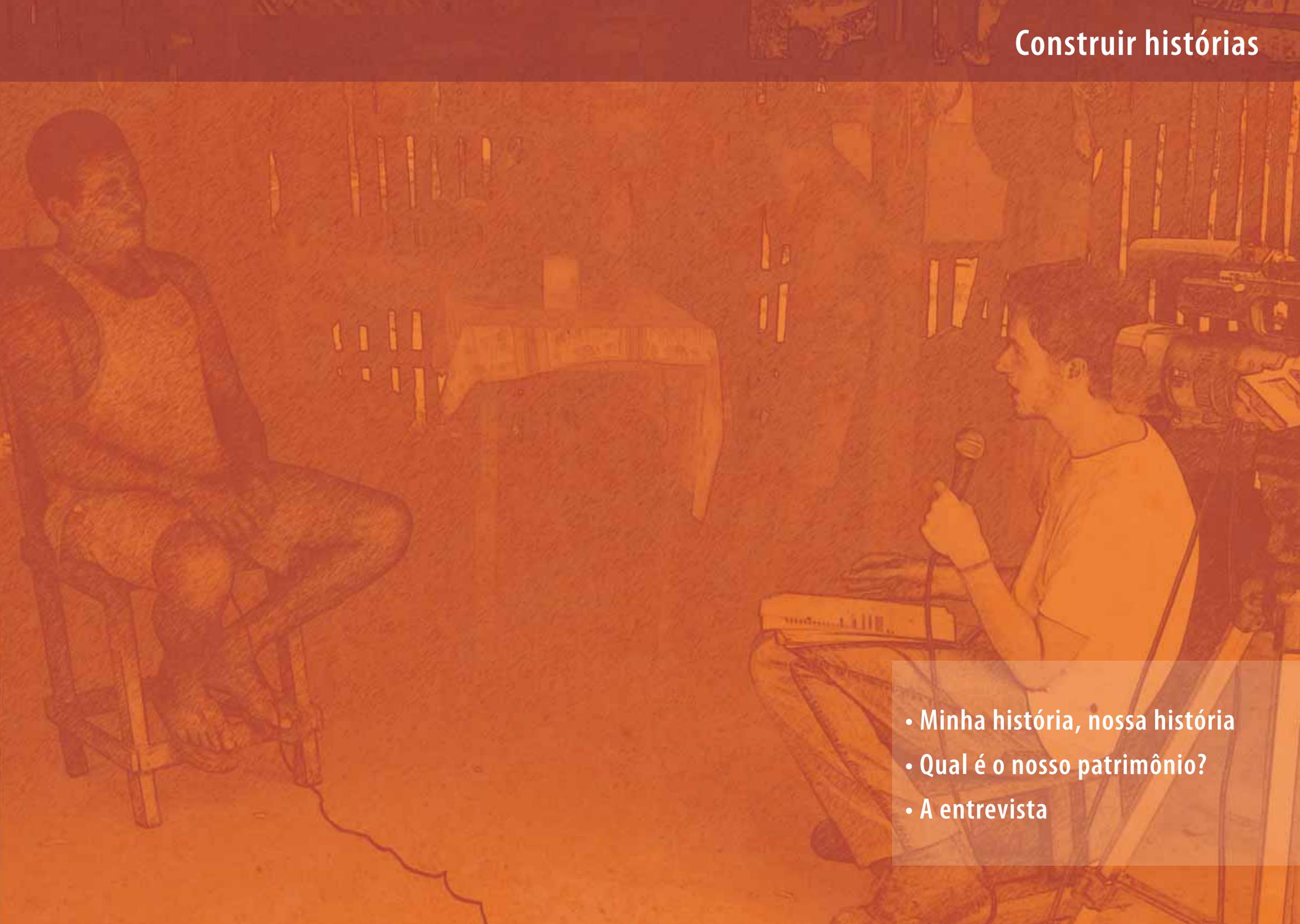
| UM PASSO A MAIS |

PARA LER:

Parcerias e alianças estratégicas: uma abordagem prática, de Marlova Jovchelovitch Noletto. 2ª ed. São Paulo: Global, 2004.

Elaboração de projetos comunitários, de Guilherme Fernando Tenório. São Paulo: Edições Loyola, 1995.





- Minha história, nossa história
- Qual é o nosso patrimônio?
- A entrevista

No capítulo anterior, destacamos a importância de as pessoas ouvirem e serem ouvidas durante a etapa de mobilização do grupo. Descrevemos como se faz uma linha do tempo individual e discutimos de que maneira essa atividade pode motivar uma reflexão sobre os conceitos de memória e história.

Dessa forma, elaborar uma linha do tempo individual representa mais do que uma importante estratégia de mobilização: já iniciamos a construção da história, em nível individual.

Minha história, nossa história

Roda de histórias

Além da linha do tempo, as pessoas do grupo podem compartilhar suas memórias por meio de uma roda de histórias. Cada participante vai perceber-se autor da história, bem como descobrir o valor da história do outro.

EM AÇÃO

→ Roda de histórias

- Organize o grupo em um círculo, num local em que todos se sintam acolhidos e à vontade. Até 20 pessoas podem participar de uma roda ou corre-se o risco de a atividade se tornar enfadonha.
- Cada participante deve escolher um episódio de sua vida para compartilhar com o grupo. Enfatize que qualquer tema tem



relevância, desde que tenha um significado importante para a pessoa naquele momento. Todas as histórias trazem conteúdos profundos quando têm emoção e sentido para nós.

- O grupo pode também escolher um tema, um marco importante para todos, e cada um conta **uma lembrança** sobre aquele tema. As memórias de cada integrante do grupo acabam ajudando os demais a se lembrarem de outros fatos. E quando as versões sobre uma mesma história são diferentes, é importante lembrar o respeito à fala do outro, **pois não há uma única verdade, e sim a construção da realidade por cada um de nós.**
- Antes de começar, faça alguns combinados com o grupo:
 1. Lembre que cada um tem seu jeito de contar uma história e valorize a espontaneidade.
 2. Todos devem ter a oportunidade de falar e ouvir a história de cada um dos participantes. Assim, é importante que todos tenham consciência de que não podem ocupar todo o tempo da roda com sua história. Se cada participante tiver 5 minutos para contar sua história, a roda formada por 20 pessoas durará 1h40min.
 3. É importante não interromper uma pessoa. Quando essa pessoa inicia sua fala, deve dizer: “Sou Fulano e vou falar.” Quando termina, deve dizer: “Sou Fulano e falei.” Os demais devem esperar que ela conclua sua história.
 4. Os fatos das histórias não devem ser discutidos nem julgados pelo grupo.
 5. Não vale atender telefone, levantar, escrever e conversar durante a roda de histórias. A atenção ao momento e aos outros é o que faz a roda acontecer.

| DICA |

Que história contar?

Faça algumas sugestões que podem estimular os participantes da roda a escolher qual história vão contar. As histórias podem ser...

- Sobre coisas que fazemos: o trabalho, o estudo, um esporte que praticamos.
- Sobre um lugar e o sentido que esse lugar tem para nós: por que ele é importante? Em que ele mudou?
- Sobre um aspecto da vida que tenha nos caracterizado, sobre nossa trajetória e o que consideramos importante nela.
- Sobre alguém que amamos, admiramos ou mesmo não gostamos.
- Sobre uma viagem, uma aventura, uma conquista, um momento especial.
- Sobre um amor, um desafio ou uma descoberta importante.

Registro da roda de histórias

Para que as histórias compartilhadas na roda também possam ser incorporadas ao acervo do projeto, elas devem ser registradas.

Há duas opções: o grupo pode escolher o registro em áudio, que deve ser feito em um gravador equipado com microfone. Ele deve ser posicionado de maneira que a voz de todos os participantes seja captada igualmente. Uma alternativa é, depois do término da roda, cada pessoa colocar no papel a história que contou.

Para que essas narrativas sejam socializadas posteriormente, é necessário, ainda, identificar corretamente cada história com o nome completo dos participantes e solicitar a eles que cedam os direitos de uso, através da cessão de direitos (pág. 55), para o projeto.

| DICA |

Publique na internet

O grupo pode ser incentivado a publicar na rede as narrativas produzidas na roda de histórias. Há portais, como o Museu da Pessoa (www.museudapessoa.net), com áreas específicas para abrigar o registro de histórias de vida. Basta se cadastrar.

Saiba mais no capítulo **Socializar histórias**.

Linha do tempo coletiva

Identificar traços comuns, bem como as diferenças e os contrastes nas histórias pessoais do grupo, é um meio de criar vínculos e ainda permitir uma reflexão sobre de que maneira as memórias de cada um são individuais e coletivas. Agora que essas memórias individuais foram compartilhadas, o grupo começa a caminhar para a construção da sua história coletiva.

O que é memória individual?

Cada um de nós carrega dentro de si suas vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens. Não guardamos tudo, pois a memória é sempre seletiva. A história de cada um de nós contém a história de um tempo, dos grupos a que pertencemos e das pessoas com quem nos relacionamos.

O que é memória coletiva?

É o conjunto de registros eleitos pelo grupo como significativos, que estabelece sua identidade, seu jeito de ser e viver o mundo, e decorre dos seus parâmetros históricos e culturais. A possibilidade de compartilhar essa memória é que dá a cada um de nós o senso de pertencimento. Trata-se de uma relação criativa e dinâmica entre o indivíduo e o grupo.

Elaborar uma linha do tempo coletiva sobre a história comum aos membros do grupo permite articular diferentes visões sobre acontecimentos, permanências e mudanças vividas por todos, às vezes de formas muito diferentes. Também revela como cada um contribui para essa história. A surpresa costuma ser grande: o quanto já foi realizado e como tudo está ligado!

EM AÇÃO

-> Linha do tempo coletiva

- Forme grupos de três a cinco participantes.
- Distribua aos grupos 20 tarjetas de cartolinas coloridas (três cores). Cada cor corresponde a um eixo temático. Normalmente, três eixos temáticos são suficientes: história do grupo, contexto histórico e um terceiro eixo, que pode ser a entrada de cada um na organização.
- Peça que os grupos conversem e preencham as cartolinas (uma cor para cada eixo), respondendo:
 1. Quais são os marcos? Por que são marcos?

2. Quais as principais conquistas? Por que são conquistas?

3. Quais as pessoas significativas?

4. Quais as rupturas? Por que são rupturas?

- O grupo preenche as cartolinas, com um evento e a data em cada tarjeta.
- Em seguida, diga aos grupos que coletem os papéis produzidos numa parede, obedecendo à ordem cronológica, e abra a discussão pedindo que as pessoas apresentem o que apontaram em suas tarjetas.
- Após a apresentação de cada grupo, um jogo pode alimentar bastante a discussão. Sugira ao grupo escolher apenas dez marcos. O grupo deve discutir e decidir o que fica. É possível aglutinar tarjetas, redefinir conteúdos, mas o importante é a discussão que se processa.

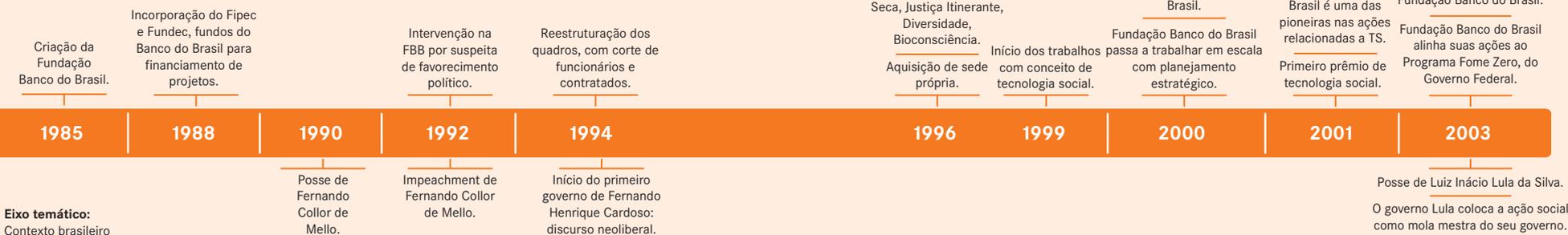
O que é eixo temático?

É um corte, um olhar específico na linha do tempo. É a perspectiva que se adota para uma pesquisa e para alinhar a narrativa histórica.

Uma linha pode ter vários eixos temáticos, mas neste guia sugerimos dois: história do grupo ou da organização e contexto nacional/mundial.

Linha do tempo da Fundação Banco do Brasil

Eixo temático: Trajetória da Fundação Banco do Brasil



“De onde vêm as histórias?
Elas não estão escondidas como tesouro na
gruta de Aladim
ou num baú que permaneceu no fundo do mar.
Estão perto, ao alcance de sua mão...

Abra os olhos e apure os ouvidos.
É só prestar atenção.
Ao pintor que, do alto da escada,
com seu gorro de jornal,
vai colorir as paredes da casa. Ao padeiro
que hoje se inspirou e fez pães com forma de
dragão e tartaruga (não passe indiferente pela
vitrine). Você testemunha grandes e pequenos
episódios que estão acontecendo a sua volta.
Um dia será chamado a contar também. Então
verá que o tecido das vidas mais comuns é
atravessado por um fio dourado:
esse fio é a história. ”

(BOSI, 2003, p. 51)

Qual é o nosso patrimônio?

Após vislumbrar a trajetória do grupo com a construção da linha do tempo, o grupo pode parar para refletir sobre qual patrimônio ajuda a contar e preservar essa história. Ou seja, vai determinar coletivamente o que e quem faz parte dessa história.

Pessoas, fotos, documentos e objetos, além de espaços e construções, são passíveis de se tornarem patrimônio histórico. Para isso, é preciso qualificá-los como significativamente importantes para a comunidade. Não existem regras nem

modelos para identificar qual o patrimônio a ser preservado. O grupo deve responder a essa pergunta evitando o “olhar forasteiro”, que muitas vezes classifica o que é patrimônio apenas pelo viés do pitoresco, folclórico e raro. Essa é uma forma de engessar a memória e condená-la ao passado.

Pode-se trabalhar com um “acervo institucional”, como materiais de arquivo, imagens, plantas, maquetes, depoimentos, entre outros, e um “acervo operacional”, que inclui as paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, processos e técnicas do saber fazer, assim como os artefatos que resultam desse saber.

Como partimos da premissa de que valorizar a história das pessoas é parte fundamental para a construção de uma história mais democrática, essa tecnologia prioriza as histórias de vida como forma de construção da história de um grupo.

O que é patrimônio?

Até algumas décadas atrás, a compreensão de patrimônio cultural concentrava-se nos bens materiais ligados às artes, como pinturas, esculturas ou obras arquitetônicas. Esse conceito foi ampliado e hoje engloba toda a produção social do ser humano, no seu cotidiano e na sua relação com o meio ambiente e com os outros seres humanos, na sua diversidade cultural. É o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações.

A entrevista

Uma forma de registrar as histórias de vida é por meio da entrevista, uma prática de interação entre dois lados: quem conta e quem pergunta e ouve. Ao contrário de um interrogatório ou questionário, o que se busca é criar um momento de troca e diálogo entre as duas partes, sendo que o assunto da conversa é a história de vida de uma delas. Podemos dizer que a entrevista é um produto em coautoria do entrevistado e do entrevistador.

Busca-se transformar a entrevista num momento solene, até mesmo sublime, em que a pessoa possa se religar a sua memória e contar sua história, com ajuda de um entrevistador atento e respeitoso. É como puxar o fio da memória e deixar que a narrativa flua.

Costumamos dizer que, para uma boa entrevista, pode bastar uma primeira pergunta. A partir de então, é saber ouvir uma história que muitas vezes está simplesmente guardada, pronta para ser contada. Cabe ao entrevistador auxiliar a pessoa a organizar as lembranças que vêm à tona em uma narrativa própria. Tão importante quanto o conteúdo narrado são seu ritmo e seu jeito de contar.

O que é história de vida?

Podemos definir história de vida como a narrativa construída a partir do que cada um guarda seletivamente em sua memória. Ela corresponde a como organizamos e traduzimos para o outro parte daquilo que vivemos e conhecemos.

A ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS

Potencialmente, todas as pessoas são parte de nosso patrimônio e suas histórias merecem ser preservadas. Mas é praticamente impossível registrar a história de todas as pessoas de uma comunidade ou instituição. Como, então, definir quais serão as entrevistadas?

Essa seleção inclui a definição de critérios pelo grupo. É fundamental retomar as diretrizes do projeto: que memória queremos registrar? Que história vamos contar? Esse debate nunca é “natural” ou “neutro”: ele sempre envolve negociação e prevalência de valores, visões de mundo e interesses. Interessante é priorizar a diversidade de registros.

O levantamento de entrevistados pode ser realizado de forma empírica, isto é, simplesmente frequentando encontros, participando de associações ou pedindo indicações. Em geral, levantam-se muito mais nomes do que o número de pessoas que serão efetivamente entrevistadas. A equipe terá que refletir para chegar a um consenso.

O roteiro a seguir pode orientar a escolha dos entrevistados:

Definir critérios – O grupo deve buscar critérios para garantir a profundidade e a diversidade de assuntos e enfoques desejados pelo projeto. Sendo a história uma narrativa e os entrevistados os autores dessa narrativa, quanto mais diversos, mais rico será o resultado. Exemplo: para compor a história de uma empresa, além dos dirigentes e trabalhadores, podem ser ouvidos os fornecedores, os consumidores e as comunidades onde está inserida.

Mapear nomes – Definidos os critérios, uma primeira lista de nomes pode ser produzida a partir da leitura de material já existente sobre o tema, bem como da sugestão das pessoas do grupo. Também vale lançar a pergunta para a instituição ou a comunidade em geral: quem você conhece que pode nos ajudar a contar esta história?

Contato inicial – Uma conversa com o potencial entrevistado permite que a equipe apresente o projeto à pessoa e saiba se ela deseja compartilhar sua história. Cabe exclusivamente a ela aceitar ou não o convite. Nesse momento, a equipe também pode avaliar se a pessoa precisa de alguma atenção especial por conta da idade ou alguma deficiência.

Pesquisa preparatória – Se for o caso, uma pesquisa preliminar em jornais, livros ou na internet pode ajudar o grupo a compreender melhor o contexto dos entrevistados: seus costumes, sua época, suas características culturais. Também facilita a elaboração das perguntas e a condução do depoimento.

Sugerimos, como ferramenta auxiliar desta etapa, a criação de um quadro de entrevistados. Confira o exemplo:

A equipe do Projeto História das Profissões em Extinção localizou 144 potenciais entrevistados. Esse mapeamento foi feito a partir de diferentes critérios, incluindo profissão, período histórico de atuação, participação em movimentos trabalhistas e sociais. As informações foram organizadas em um quadro (a seguir), possibilitando a seleção de 32 entrevistados finais.

Setor de produção	Profissão	Nome	Período de atuação profissional	Perfil
Ferrovários	Telegrafista	Paschoalino Assumpção	1933–1944	Telegrafista da São Paulo Railway Company. Fala da história da ferrovia e dos sistemas funicular, tailand e cremalheira.
Gráficos	Margeador, pontuação, encadernador	Sílvio Pontes	1927–1972	Conhece a história dos movimentos operários. Participou de episódios históricos importantes. Tem vida sindical ativa.
Metalúrgicos	Repuxador (torneiro)	Gervásio da Silva Freitas	1946–1984	Fez cantis e marmitas para o exército. Participou de várias greves, lembrando especialmente das de 1953 e 1957. Trabalhou na Metalúrgica ITA.
Têxtil	Técnico em tecelagem	Ignácio Picasso	1926–1964	Em 1926, começou a ser tecelão, trabalhou na Cia. Nacional de Estamparia, Sorocaba. Em Santo André, formou-se técnico tecelão.
Transportes	Condutor/motorneiro	Jayme Ferreira de Lima	1955–1980	Trabalhou na roça junto com o pai. Em São Paulo, teve banca de frutas. Entrou para a CMTC como condutor e, mais tarde, passou a motorneiro. Teve grande atividade sindical.
Urbano	Chapeleiro	Marciliano Carlos Monroe	1939 até hoje	Único chapeleiro que trabalha sob medida na cidade, atividade que exerce há 55 anos.
Urbano	Sapateiro de oficinas de conserto	Pietro Germano	1950–1980	Chegou ao Brasil em 1950, vindo da Itália com toda a família. Foi sapateiro na Itália e, no Brasil, trabalhou numa sapataria no Cambuci.

ROTEIRO DE PERGUNTAS

O roteiro é uma sequência de perguntas elaboradas pelo entrevistador (ou pelo grupo), que o ajuda a preparar-se para a entrevista. Não deve ser entendido como um questionário rígido, mas como um guia para estimular o entrevistado.

EM AÇÃO

→ Roteiro da entrevista

Para começar – Comece com perguntas fáceis de responder, como nome, local e data de nascimento. Além de contextualizar a pessoa, essas perguntas têm a função de “esquentar” a entrevista. É como um começo delicado de um relacionamento, e nada como perguntas simples e objetivas para deixar o entrevistado à vontade e ajudá-lo a mergulhar em suas memórias.

Encadeamento – A ordem cronológica costuma ser um bom fio condutor da conversa, mas não é o único. Vale observar se a comunidade ou grupo tem outra lógica de organização de suas histórias. Se for adotado o critério cronológico, o roteiro pode ser organizado em três grandes blocos de perguntas:

Introdução – Origem da pessoa, pais, avós, infância.

Desenvolvimento – Fases da sua trajetória, incluindo, se for o caso, o tema específico do projeto.

Finalização – Conclusão da história, relação com o presente e o futuro.

O desafio é construir um roteiro que ajude a pessoa a encadear seus pensamentos e organizar a narrativa à sua maneira. O tipo e a ordem das perguntas – estejam ou não previstas no roteiro – tendem a definir o tipo de história que será contada. Confira exemplos de perguntas que ajudam e as que atrapalham na hora da entrevista.

Perguntas que ajudam

- **Descritivas – Recuperam detalhes envolventes**

P: *Descreva a casa da sua infância.*

R: *Era uma casa de dois andares. Tinha um quintal grande, com uma mangueira. Também tinha um muro, de onde a gente ficava olhando a casa do vizinho. Me lembro de um casamento lá em que só a minha irmã mais velha foi convidada. Eu fiquei sentadinha no muro dizendo: “Tá gostoso o olho de sogra? Traz um para mim!”*

- **De movimento – Ajudam a continuar a história**

P: *O que você fez depois que saiu de casa?*

R: *Eu precisava arranjar um trabalho e consegui emprego lá no Cine Marabá. Não tinha mais a cobertura dos meus pais, então eu precisava me virar. Naquela época não era muito difícil arrumar trabalho.*

- **Avaliativas – Provocam momentos de reflexão e avaliação**

P: *Fale um pouco do que você sentiu quando chegou à cidade grande.*

R: *Ah, foi uma coisa assim esquisita. Porque eu queria vir e foi muito tempo dentro do ônibus de lá até aqui, foram três dias e duas noites. Quando cheguei, achei tudo uma imensidão, fiquei com medo. O ônibus rodando dentro da cidade e parecia que não acabava nunca, aquele monte de prédio, aquele monte de coisa.*

Perguntas que atrapalham

- **Indutivas** – Levam o entrevistado a dar uma resposta que já está na pergunta.

P: A cidade em que você nasceu era bonita?

R: Era, era muito bonita.

- **Genéricas** – Estimulam respostas genéricas, sem histórias.

P: Como foi sua infância?

R: Foi boa, foi ótima.

- **Com pressupostos** – Propiciam respostas meramente opinativas.

P: O que você acha da situação atual do Brasil?

R: Acho que estamos melhorando, mas ainda temos muito que crescer.

- **Puramente informativas** – Podem desconcertar o entrevistado e interromper sua narrativa.

P: Antes de você continuar essa história, qual era o nome da praça em que vocês jogavam bola?

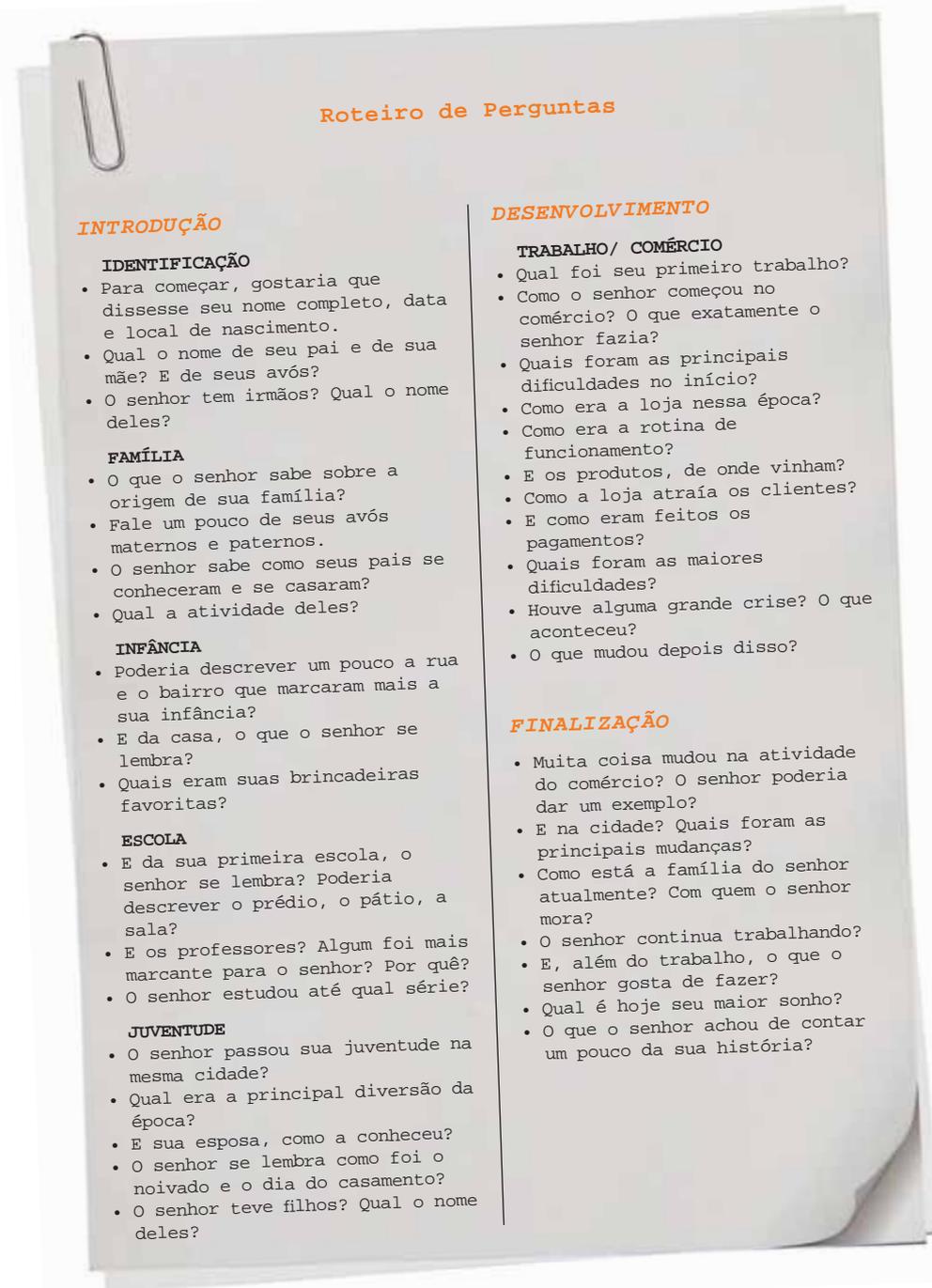
R: Rapaz, o nome da praça? Nem me lembro.

- **Com julgamento de valor** – Atendem apenas a hipóteses e anseios do entrevistador.

P: Você não acha que deveria ter feito algo?

R: Não, porque eu não podia. Você não entende, porque não viveu aquela época, os tempos eram muito difíceis.

Observe este exemplo de roteiro, que foi utilizado no Projeto Memórias do Comércio do Vale do Paraíba, realizado pelo Sesc-SP em parceria com o Museu da Pessoa, em 2003.



POSTURA DO ENTREVISTADOR

Cada entrevistado não é entendido como uma mera fonte de “informações” sobre o assunto, mas, sim, como uma pessoa que de alguma maneira vivenciou um pedaço daquela história.

Nesse sentido, sua narrativa de vida é, em si mesma, a principal fonte que se quer coletar. É muito importante que o grupo sinta curiosidade e respeito pelo entrevistado.

O entrevistado é o autor principal da narrativa. É ele quem deve determinar o ritmo, o estilo e o conteúdo da sua história.

No entanto, o sucesso da entrevista depende muito do entrevistador. É importante refletir em grupo sobre alguns pontos acerca do papel e da postura do entrevistador:

- **Autoria** – A entrevista surge da interação entre entrevistado e entrevistador. Cabe ao entrevistador um papel ativo na produção da narrativa.
- **Respeito** – A entrevista é um momento solene, até mesmo sagrado, no qual o entrevistado está eternizando sua história e o entrevistador participa da construção de um documento histórico. É importante preparar um ambiente acolhedor para garantir que o entrevistado se sinta tranquilo e, acima de tudo, ouvir com atenção a sua história. Quando o entrevistado é idoso, há a tendência de infantilizá-lo, e é muito importante não adotar essa postura.
- **Receptividade** – O roteiro é apenas um estímulo. É necessário estar totalmente disponível, ser curioso. As melhores perguntas surgem da própria história que está sendo contada.
- **Sabedoria** – O entrevistador nunca deve julgar o entrevistado, exigir atitudes, discutir opiniões ou cobrar verdades e precisão histórica. O objetivo da entrevista é registrar a experiência pessoal que o entrevistado tem dos acontecimentos e não uma verdade absoluta.

- **Humildade** – O diálogo tem como foco o entrevistado. O entrevistador não deve pressupor que o entrevistado possui os mesmos valores e conceitos que ele.
- **Emoção** – O papel do entrevistador é estimular e auxiliar o entrevistado na construção da história que ele quer contar. O entrevistador não é um psicólogo. Não deve procurar subentendidos, não ditos. Isso não impede que ele também se emocione com a história do entrevistado.
- **Ritmo próprio** – Cuidado para não interromper a linha de raciocínio do entrevistado, mesmo que ele fuja do assunto da pergunta. O entrevistador só deve interferir quando for realmente necessário, seja para retomar o fio da meada, seja para ajudá-lo a continuar.
- **Atitude** – O corpo, os olhos, os movimentos fazem parte do diálogo e influenciam a construção da narrativa. É necessário estar atento. Cuidado para não demonstrar impaciência ou desinteresse, bocejando ou olhando o relógio.
- **Foco** – O entrevistador deve priorizar a narrativa, as histórias. Não deve deixar o entrevistado perder-se em comentários e opiniões genéricas.

| DICA |

Agradeça

Uma cópia da entrevista, o convite para que ele participe do resultado final do projeto, um certificado, uma carta são maneiras de agradecer o entrevistado por ter colaborado na construção da história do grupo. Além do reconhecimento por sua participação, todos esses cuidados constituem estratégias para que o entrevistado se conscientize da importância de sua história e dos desdobramentos que ela pode ter ao ser integrada às histórias de sua comunidade e da sociedade como um todo.

PREPARATIVOS PARA A ENTREVISTA

Por maior que seja o vínculo entre o grupo e o conteúdo gerado no projeto, sempre deve estar presente a importância de socializar essa narrativa. Quer dizer, de disponibilizá-la para consulta de outras pessoas e também de transformá-la em produtos. Para tanto, é necessário que seja fácil localizar e entender o material.

Em outras palavras, desde o início do projeto é preciso que exista uma preocupação com a organização do conteúdo produzido. A seguir, confira três procedimentos de organização que devem ser realizados antes da gravação das entrevistas.

1. Criação de fichas

Fichas são bastante eficazes para organizar o conteúdo. Elas podem ser criadas pelo próprio grupo.

Exemplos:

Ficha de cadastro – Organiza dados objetivos sobre a pessoa, que não necessariamente foram ditos durante a entrevista. (Veja modelo na página ao lado.)

Ficha de imagem (foto, documento e objeto) – Organiza dados objetivos sobre o acervo do entrevistado, como as fotografias, documentos e objetos. (Veja modelo na pág. 64.)

Em geral, as fichas possuem dois tipos de informação:

- **Sobre conteúdo** – O que é, quem, quando, onde. Numa ficha cadastral, por exemplo, nome, sexo, data e local de nascimento da pessoa são dados essenciais. Se for um projeto sobre imigrantes, passa a ser importante também o nome dos pais, seu local de nascimento e a data de chegada ao país.
- **Sobre coleta** – No caso da entrevista, vale saber o tipo de registro (áudio ou vídeo), o nome dos entrevistadores, a data e o local da entrevista.

CADASTRO DE DEPOENTE

Dados Pessoais

Nome do depoente:	
Número da entrevista:	Sexo: () m () f
Endereço:	
Cidade:	
Bairro:	CEP:
Estado:	País:
E-mail:	Telefones:
Data de nascimento: (dd/mm/aaaa) ___/___/_____	
Cidade de nascimento:	
Estado:	País:

Dados Profissionais

Atividade atual:	
Escolaridade:	Profissão:

Sobre a Entrevista

Resumo do depoimento:	
Suporte: () áudio () vídeo	
Data do depoimento: (dd/mm/aaaa) ___/___/_____	
Local:	Entrevistadores:

2. Identificação do material

É muito mais prático e seguro identificar cada fita, CD ou DVD resultante da gravação logo após a entrevista. O mesmo vale para as fotos, documentos ou objetos, sobre os quais falaremos adiante. Tenha etiquetas e pastas à mão. Leia mais no box abaixo, “Como identificar”.

3. Autorização de reprodução e uso

A história de cada pessoa, grupo ou instituição diz respeito à história de toda a sociedade. Dessa forma, vale garantir que um conteúdo socialmente produzido seja socialmente apropriado. É essencial que os autores da narrativa (o entrevistado ou o titular de uma foto, por exemplo) autorizem a reprodução e o uso da sua imagem, voz ou texto, bem como sejam esclarecidos quanto ao destino do material por meio de um documento de cessão de direitos. (Veja modelo na pág. ao lado.)

| DICAS |

Como identificar

- Antes de a entrevista começar propriamente, grave um pequeno cabeçalho informando nome completo do entrevistado, entrevistadores, data e local do registro.
- O ideal é que as fichas de cadastro, fotos, documentos e objetos de cada entrevistado sejam colocados em uma pasta etiquetada com o nome dele. As pastas dos entrevistados devem ser posteriormente organizadas em ordem alfabética, para facilitar a localização.
- Atribua um número para cada pessoa que fará parte do futuro acervo do projeto. Esse número identificará todos os materiais do participante, desde as fitas (CDs ou DVDs) da entrevista até as cópias de fotos, documentos.
- Os CDs e DVDs com imagens digitalizadas devem ser identificados com o número e o nome do entrevistado. O mesmo procedimento vale para fitas, CDs ou DVDs com a gravação das entrevistas. Caso o depoimento tenha resultado em mais de uma fita, identifique-as assim: Fita 1/3, fita 2/3 e fita 3/3, para uma série de três. Escreva também o local e o dia da realização da entrevista.
- Pastas e mídias são guardadas separadas. As mídias devem ser organizadas por tipo (fitas, CDs ou DVDs) e, dentro de cada tipo, pela ordem numérica.

TERMO DE LICENÇA DE CAPTAÇÃO E EXPLORAÇÃO DE IMAGEM

Nome (“Licenciante”):	Endereço:
RG:	CPF/MF:
Estado civil:	Profissão:
Data de nascimento:	Telefone de contato:

1. Eu, Licenciante, neste ato, concedo à INSTITUIÇÃO X, com sede em XXX, Estado de XXX, na Rua XXX, CEP XXX, inscrita no CNPJ/MF sob o nº XXX (“Sociedade”), por livre e espontânea vontade, uma licença gratuita, definitiva, irrevogável e universal (“Licença”) para a captação, fixação, armazenamento, edição e utilização da minha Imagem para os fins da produção, edição, exibição e comercialização de obras diversas de preservação histórica que venham a ser criadas e/ou produzidas pela Sociedade (“Obra”). Para os fins deste instrumento, Imagem significa a representação estática e dinâmica da minha forma externa e minha forma plástica distintiva, incluindo todos os componentes exteriorizadores do meu corpo, bem como o som de minha voz e dados biográficos por mim revelados.

2. Eu, Licenciante, neste ato, entendo, aceito e reconheço que: (a) a Licença será irrevogável; (b) a Licença possibilitará que a Sociedade, de forma livre e sem limitação de território ou de repetições, possa, a seu exclusivo critério, utilizar, fixar, editar e dispor da Imagem; (c) a Licença possibilitará que a Sociedade explore pública e comercialmente a Obra contendo a Imagem através de quaisquer meios existentes, restando, a partir de tal data, impossibilitada, a Sociedade, de exercer qualquer controle de suspensão e/ou de interrupção de tal comercialização e exibição da Obra contendo a Imagem e/ou de qualquer de suas obras derivadas; (d) a Sociedade poderá ceder a Obra contendo a Imagem para terceiros, possibilitando que tais terceiros explorem comercialmente a Obra contendo a Imagem através de quaisquer meios existentes; (e) os Terceiros, neste ato, adquirem os mesmos direitos cedidos à Sociedade por meio da presente Licença; (f) a Licença é concedida gratuitamente e, por conta da sua outorga e/ou através do exercício dos direitos ora concedidos, nenhum pagamento, compensação, royalties ou outra forma de remuneração me será devido pela Sociedade, pelos Terceiros e/ou qualquer terceiro, a qualquer tempo e por qualquer razão; (g) estou apto e legalmente autorizado a conceder a Licença objeto deste instrumento; (h) compreendi e aceitei integralmente, de forma consciente e sem qualquer limitação, as condições desta Licença; (i) inexistem qualquer impedimento de ordem legal, religiosa, moral ou pessoal para a concessão da presente Licença; e (j) me foram fornecidas todas as informações e dados relacionados com os propósitos de utilização, fixação e disposição da Imagem.

3. Para os fins deste instrumento, a utilização, edição e exploração da Imagem compreende a possibilidade de a Sociedade utilizar, fixar e/ou explorar a Imagem sempre que em conexão com a Obra, sob qualquer forma ou método, incluindo, sem limitação, através da sua: (a) reprodução parcial ou total em qualquer meio, eletrônico ou não; (b) edição; (c) adaptação; (d) armazenamento e/ou distribuição por quaisquer meios ou sistemas, incluindo, sem limitação, banco de dados digitais e/ou estáticos; (e) comercialização e (f) exibição.

São Paulo, de de .

LICENCIANTE

Testemunhas:

1. Nome: _____

2. Nome: _____

GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA

Certamente, o momento da entrevista por si só pode ser muito significativo para os envolvidos. Entretanto, para construir história, é essencial o registro do depoimento. Apenas assim a narrativa produzida poderá se manter no tempo, ser processada e acessada pelos outros. A forma de garantir o registro integral da fala do entrevistado é a gravação em áudio ou vídeo.

A entrevista pode ser realizada por duas pessoas: uma assume a interlocução direta com o entrevistado e outra observa. Com uma visão do todo, esta última percebe os “ganchos” perdidos e ajuda a complementar. Uma entrevista de história de vida dura, no mínimo, uma hora e meia, mas pode também ter mais de dez horas de duração (em várias sessões).

NA FLORESTA, COM MUITO SOL E GALINHAS!

“Fui entrevistar o líder comunitário do Amapá, conhecido como Seu Arraia. A entrevista seria na comunidade onde ele e a família vivem, à beira do Rio Iratapuru, um afluente do Rio Jari. Chegamos à comunidade no final da manhã e combinamos que entrevistáramos o Sr. Arraia quando o sol estivesse um pouco mais ameno, já que estávamos em plena Floresta Amazônica.

O desafio maior não era fazer a entrevista, mas sim escolher um local adequado para montar o equipamento de vídeo. Apesar de ser a primeira vez que eu iria também operar o vídeo - uma pequena câmera, com regulagens automáticas - meus colegas haviam me instruído sobre o uso e eu tinha uma “cola”: armar o tripé (para dar estabilidade à imagem), encaixar a câmera,

inserir a fita, e acionar os botões corretos. Isso sem falar em focalizar o entrevistado, verificar se o áudio está ok etc. e tal.

Mas a dica mais importante era em relação à iluminação: o sol não deveria estar atrás do entrevistado, para não formar sombras em seu rosto. Outro conselho primordial: não ter como fundo cenas em movimento, já que o foco era automático. Escolhemos a sombra de uma enorme árvore, onde eu entrevistei, além do Sr. Arraia, Dona Elisabeth e seu filho Eudimar.

Ao longo da gravação, imprevistos e eventos inusitados. Problemas iniciais: uma camisa adequada para a gravação. Acabei descartando as três primeiras: uma quadriculada, a segunda amarrotada e a terceira de um político. Até que surgiu uma camiseta branca. As filhas do Sr. Arraia me rodearam o tempo todo da entrevista, encantadas ao ver a imagem do pai no monitor da filmadora. Com o passar do tempo, o sol mudou de posição e lá pelas tantas estava no rosto do Sr. Arraia. Isso sem falar nas galinhas, que a todo momento insistiam em ciscar o chão ao nosso lado. São acontecimentos inusitados, que fogem do nosso controle.

Mas nada disso atrapalhou a narrativa do Sr. Arraia, já que ele estava em sua comunidade, falando do que mais gostava de falar ultimamente: como se tornou líder dos castanheiros e começou a mudar a vida da comunidade onde os filhos cresciam. ”

CLÁUDIA LEONOR,

historiadora, formadora do Instituto Museu da Pessoa.Net no Projeto Memória das Comunidades Natura, em 2005

Sugerimos que as entrevistas de histórias de vida realizadas pelo grupo sejam gravadas em suporte audiovisual, pois o vídeo é a melhor maneira de registrar a oralidade e as particularidades de cada entrevistado. Dessa forma, para que uma entrevista seja bem-feita e cumpra seu papel de fonte histórica, não basta apenas um bom roteiro de perguntas e competência na condução do depoimento: também é preciso que a gravação apresente qualidade.

É possível que uma instituição, mesmo sem apoio técnico especializado ou acesso a equipamentos profissionais, faça gravações mais simples, com estrutura reduzida, mas que tenham um nível mínimo de qualidade. Confira a seguir.

Orientações para fazer uma gravação em vídeo

- Equipamentos essenciais: uma câmera de vídeo e um tripé de câmera. Se for possível, microfones de lapela. Entre os modelos digitais de câmeras, sugerimos as DVCam. Caso a opção seja o uso de câmeras mini-DVs, os modelos de 3 CCDs produzem imagens muito superiores às aquelas feitas com equipamentos de 1 CCD.
- O local da entrevista deve ser relativamente reservado, com o mínimo de ruído possível e sem interferências externas que possam prejudicar a atenção do entrevistado. Avise a todos para desligarem os celulares e peça aos familiares ou outras pessoas que não interrompam a entrevista.
- A gravação é feita em plano médio (ou plano americano). Trata-se de um enquadramento semelhante ao usado em fotos 3 x 4, ou seja, com a pessoa no centro do quadro e a margem inferior da imagem no meio do peito do entrevistado. As pernas

do entrevistado nunca aparecem. E o teto, ou seja, a faixa de imagem acima de sua cabeça, precisa ser sempre pequeno.

- Procure sempre utilizar um tripé. E evite movimentações bruscas durante a gravação: apenas corrija o quadro quando o entrevistado se mexer e se acomodar numa posição muito diferente da inicial.
- É importante levar em conta a posição da luz ambiente e sua relação com a posição do entrevistado. A luz principal do local, aquela mais forte (sol, luz de teto, janela etc.), precisa incidir frontalmente na pessoa.
- Também para o caso de gravações sem refletores, procure gravar num local em que não haja alteração significativa da luz durante a entrevista. Por exemplo: uma sala arejada ou à sombra de uma árvore. Evite locais ao ar livre com incidência direta do sol, pois neste caso, além do desconforto do entrevistado, haverá muita alteração de luz.
- O entrevistado não deve ser posicionado de costas para janelas ou qualquer outra fonte de luz muito forte, pois assim ele seria gravado em contraluz. Ou seja: a luz incidente em suas costas seria mais forte do que a frontal, gerando sombras.
- Evite posicionar o entrevistado de costas para paredes muito próximas. Prefira posicioná-lo em locais com mais recuo, para que a imagem não fique chapada e para que a sombra da pessoa não se destaque na parede.
- Se a câmera utilizada for amadora, sem controle manual de foco, posicione o entrevistado em local que não tenha movimentação de pessoas (ou objetos) no fundo do enquadramento. Essa movimentação interfere no foco automático e o faz oscilar. Ou seja: o fundo do enquadramento precisa ser minimamente estático.

- Para captar o áudio, se possível use dois microfones de lapela, que devem ser fixados à roupa do entrevistado e do entrevistador a uma altura de aproximadamente 20 cm de sua boca. Vale também se assegurar de não colocar o microfone ao lado de gravatas, colares ou qualquer adereço que possa raspar no microfone e provocar ruídos.
- Se a câmera não possuir entrada para microfones, a alternativa é usar o microfone embutido. Nesse caso, é importante deixar a câmera o mais próximo possível do entrevistado (sem prejudicar o enquadramento) e evitar totalmente ambientes com ruídos externos.

A questão técnica deve estar a serviço da entrevista, contribuindo para que ela seja realizada e registrada da melhor maneira possível, sem que haja interferência na metodologia ou desconforto ao entrevistado.

Orientações para gravações em áudio

- Escolha um gravador (de preferência digital), dois microfones de lapela com fio (recomendado) ou um microfone de mão. Não confie apenas no microfone do gravador.
- Os gravadores digitais são pequenos, o áudio fica com mais qualidade e não há o risco de deterioração, como nas fitas cassetes. A entrevista ficará registrada na memória do equipamento. Depois, é só passar o áudio para o computador e salvá-lo em um CD.
- No caso de microfones de lapela, um deve ser colocado no entrevistado. No caso de microfone de mão, é necessário montá-lo em um pedestal, que deve ser colocado o mais perto possível do entrevistado.

| DICA |

Pausas durante a entrevista

Intervalos: avisar o entrevistado que, sempre que ele quiser, poderá ser feito um intervalo. No entanto, é importante que a entrevista não seja interrompida pelos entrevistadores (a não ser que seja necessário trocar a fita da câmera ou a bateria do gravador, por exemplo).

FOTOS, DOCUMENTOS E OBJETOS

Além da entrevista, as fotos, os documentos e os objetos pessoais também são valiosos portadores da memória. Não se trata somente de ilustrar a entrevista, mas sim de complementá-la e enriquecê-la. Dessa maneira, em torno do entrevistado forma-se um acervo, muitas vezes inédito e de grande riqueza.

O que é acervo pessoal?

A lista não é fechada. Ao contrário: pode ser toda foto, documento, ilustração ou objeto que o entrevistado preserve como parte da sua história. A escolha do que é ou não significativo para ilustrar sua trajetória sempre é do próprio entrevistado. Entretanto, ele pode ser incentivado a considerar imagens, documentos ou objetos menos convencionais como parte de seu acervo. Tanto quanto uma medalha, uma simples mala de viagem ou brinquedo podem fazer parte do acervo. O mesmo acontece com um passaporte ou um bilhete de despedida, um retrato de formatura ou a foto da mãe cozinhando.

Compare anotações feitas sobre a foto de Liviana Gianni Bernicchi e perceba como faz diferença a qualidade na apuração das informações:



- Liviana passeia em dia de chuva com a amiga.
- Dona Liviana contou que essa foto percorreu continentes. Ela foi tirada depois de uma chuva de verão, durante seu último passeio pela cidade de Lucca, na Itália, antes de viajar para o Brasil. Ao seu lado está uma amiga – tinham ido fazer compras. O vestido de dona Liviana era vermelho, o único vestido vermelho que teve na vida. Essa foto foi tirada dois dias antes da viagem, em 1946.

EM AÇÃO

→ O acervo pessoal do entrevistado

- Peça ao entrevistado que selecione fotos, objetos e documentos significativos da sua trajetória de vida. O convite para a entrevista costuma ser um bom momento para esse pedido.
- Estimule o entrevistado a contar histórias ligadas ao seu acervo. É necessário reservar tempo e criar um ambiente para levantar e registrar esses relatos. Essa conversa pode ser depois da entrevista ou agendada para outra ocasião.
- Registre o que o entrevistado disser sobre as fotos, os documentos e os objetos. Essas informações podem ser anotadas pelo entrevistador na ficha ou até mesmo gravadas em áudio ou vídeo.

Também é preciso identificar e processar esse acervo. Assim, como já mencionamos antes, as fotos, os documentos e os objetos poderão ser consultados, além de serem rica matéria-prima para a elaboração de produtos.

Nesse momento, a ficha de imagem é muito útil. O registro das informações dadas pelo entrevistado pode ser feito nessa ficha, será uma boa oportunidade de recuperar episódios valiosos da vida de uma pessoa.

Leia sobre digitalização de imagens na página 73.

CADASTRO DE IMAGEM

Nome do depoente:	
Número:	Data:
Título:	
Tipo: () foto () documento () desenho () objeto	
Local (cidade, estado, país):	
Nome dos personagens (da esquerda para a direita):	
História da imagem:	
Fotógrafo:	
Observações:	
Pesquisador:	Data:

| UM PASSO A MAIS |

PARA ASSISTIR:

- *A Pessoa É para o Que Nasce*.
Direção de Roberto Berliner. Brasil: TV Zero, 1998.
- *Edifício Master*.
Direção de Eduardo Coutinho. Brasil: Videofilmes, 2002.
- *Narradores de Javé*.
Direção de Eliane Caffé. Brasil: Riofilme, 2003.

PARA LER:

- *Velhos Amigos*,
de Eclea Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- *História e Memória*,
de Jacques Le Goff. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- *A voz do passado: história oral*,
de Paul Thompson. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NA INTERNET:

Digital Storytelling: www.storycenter.org
Museu Clube da Esquina: www.museuclubedaesquina.org.br
Museu da Maré: www.ceasm.org.br

| EXPLORE O GUIA |

O que é guardar? Que sentido há em preservar a narrativa que construímos? Falaremos mais sobre isso nas próximas páginas.



- Processar o conteúdo
- Preservar o acervo

“*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.*

*Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.*

*Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.*

*Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.*

*Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:*

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar. ”

ANTONIO CÍCERO

www2.uol.com.br/antoniocicero/poema1

Organizar histórias é tratar o conteúdo do projeto de maneira que ele faça parte do cotidiano e seja usado amplamente pelas gerações presentes e futuras. É formar um acervo reconhecendo as narrativas, fotografias, documentos e objetos como fontes históricas.

O que é acervo?

Acervo é um conjunto de documentos de diferentes suportes e formatos, destinados à pesquisa, consulta ou simplesmente armazenamento.

Reunidos e organizados, esses documentos constituem um acervo que pode se manter em constante construção.

Organizar significa, essencialmente, pensar no outro, permitindo que a história permaneça no tempo. Para que ela possa ser socializada, é necessário que seja disponibilizada e preservada de forma organizada. Mas organizar não corresponde a dispor o acervo em prateleiras ou armazenar em armários. É, fundamentalmente, criar instrumentos que permitam a localização, o uso e o crescimento ordenado do conteúdo.

Já conversamos antes sobre alguns procedimentos essenciais para organizar a história que está sendo construída pelo grupo. Os meios que utilizamos até agora para colocar o conteúdo da pesquisa em ordem foram:

- Identificação dos materiais com atribuição de números e o auxílio de etiquetas adesivas e pastas (pág. 54).
- Recolhimento de dados sobre o entrevistado através do preenchimento da ficha de cadastro (modelo na pág. 53).
- Recolhimento de dados sobre o acervo pessoal através das fichas de imagens (modelo na pág. 64).
- Ampliação das possibilidades legais de uso do acervo por meio do termo de cessão de direitos (modelo na pág. 55).

Processar o conteúdo

Processamento pode ser traduzido como a preparação do material coletado para consultas e usos variados. Um conjunto de 200 horas de depoimento na íntegra, por exemplo, dificilmente será escutado ou consultado por alguém se as possibilidades de busca e pesquisa não forem facilitadas.

A dimensão do processamento varia muito, de acordo com o tempo e os recursos de cada grupo. Tecnicamente, processar significa ampliar a quantidade e a qualidade de informações sobre o acervo. Transcrever entrevistas ou produzir outros textos a partir da gravação, bem como digitalizar imagens estão entre as tarefas de processamento.

PRODUZIR TEXTOS

As histórias de vida e as rodas de histórias gravadas podem ser transformadas em texto para garantir seu maior alcance e uso. Na versão escrita, uma entrevista pode ser mais facilmente aproveitada em diferentes produtos, como livros, material educativo e exposições.

Observe os tipos de textos que podem ser produzidos:

Resumo – É uma síntese do que o entrevistado falou no decorrer da entrevista. Seu objetivo é informar quais os principais temas presentes na narrativa. Há diferentes formatos de resumo: pode ser um texto curto (cerca de 10 linhas) ou uma sequência de tópicos. O mais prático é que esse texto seja elaborado pelo entrevistador, logo após a entrevista, desde que ele tenha participado de uma discussão coletiva a respeito do objetivo e do padrão do resumo.

Infância em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Primeiros contatos com futebol. Início da carreira como jogador de futebol. Vinda para São Paulo. Ingresso na equipe juvenil do SPFC. Estreia como profissional no SPFC. Futebol e religião. Participação na Copa do Mundo. Casamento e mudança para Itália. Avaliação do melhor time do SPFC.

Projeto História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube, 1994

Transcrição total ou parcial – Transcrever significa passar o conteúdo oral para o texto escrito. Cada pergunta e resposta é redigida a partir da escuta paciente da gravação. Nesse processo devem ser resolvidas dúvidas em relação a nomes citados, grafia de palavras etc. É um trabalho árduo e requer disponibilidade de tempo e dedicação. Há sempre a alternativa de contratar profissionais ou buscar parcerias com voluntários preparados. Na transcrição parcial, são transcritos apenas trechos previamente selecionados no áudio ou no vídeo. A escolha pode ser feita de acordo com o tema do produto ou atividade.

P: *Conta um pouco o que seu pai fazia.*

R: *Meu pai era ferroviário, mas era também um bom negociante. Desde que eu me entendo por gente, eu via meu pai fazer pequenas coisas, pequenos negócios. A gente viajava pra praia e, enquanto a gente estava se divertindo, brincando, ele estava lá vendendo alguma coisa pra poder tirar os custos da viagem. Acho que eu herdei um pouquinho disso dele. Penso que sim.*

Depoimento de Mary França para o Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil (www.memoriasdaliteratura.art.br), 2008

| DICA |

Transcritores voluntários

A transcrição costuma ser uma boa etapa para mobilizar voluntários. Podem trabalhar em suas casas, no seu ritmo, tendo uma oportunidade especial de conhecer novas histórias.

Texto em terceira pessoa – A partir da escuta atenta à gravação, uma pessoa ou grupo produz um texto relatando o que ouviu, podendo incluir informações de contexto.

Dona Rosa Valente Bianchi nasceu na cidade de São Paulo, no dia 27 de maio de 1934. Ela veio para Ribeirão Preto quando se casou. Quando era criança, lá em São Paulo, ela adorava brincar de bola, pique, pega-pega na rua, bem livre; não havia perigo. Só que teve o tempo da guerra e não tinha farinha de trigo para fazer pão nem açúcar, então as pessoas pegavam uma fila grande para comprar, era difícil conseguir um pãozinho para comer. Aqui em Ribeirão Preto, sua família se reunia na chácara Bianchi, que pertencia ao seu sogro. Era só mato. Eles iam até lá para passear e se divertir. Para ir até a chácara, Dona Rosa e seus filhos iam a pé, de carroça, de carro, por uma trilha de terra. Ficava longe do centro; as crianças às vezes iam sozinhas, não tinha perigo, elas iam até de carrinho de rolimã.”

Texto coletivo produzido pelos alunos da Emef Prof^a Elisa Duboc Garcia, de Ribeirão Preto (SP), 2006

Orientações para transcrever histórias

Integridade – A transcrição é um documento histórico e, como tal, deve preservar, ao máximo, a fala do entrevistado. No entanto, é necessário que haja revisão ortográfica para corrigir eventuais erros.

Oralidade – No texto transcrito, a oralidade da narrativa deve ser valorizada. Manter as onomatopeias, vícios de linguagem, neologismos ou até mesmo as concordâncias verbais inadequadas é uma maneira de preservar o ritmo e o jeito de contar do entrevistado, tornando a leitura da história mais interessante.

Grafia das palavras – A grafia das palavras deve ser corrigida. É fundamental conferir a grafia dos nomes próprios. Consulte dicionários, guias de cidades, enciclopédias, internet, bem como o próprio entrevistado.

Pontuação – A pontuação da transcrição deve respeitar o ritmo da fala do entrevistado, mas não pode agredir as regras básicas da língua formal. As pequenas demoras, recorrentes na fala, devem ser ignoradas. Utilize reticências para hesitações efetivas, situações de ironia, para sugerir continuação de assunto ou em outras situações previstas na gramática. Indique quando ocorrer uma pausa longa durante a entrevista da seguinte maneira: (PAUSA).

Trechos inaudíveis – Procure resolver os trechos de difícil compreensão, seja pela qualidade do som, seja pela complexidade de determinadas palavras. Quando um determinado trecho for inaudível ou incompreensível, deve ser indicado com um traço do tamanho aproximado do trecho em questão: _____.

Dúvida de compreensão – Quando houver dúvida sobre determinada palavra ou frase, coloque-a entre parênteses juntamente com uma interrogação. Não arrisque a grafia de nomes próprios. Toda vez que aparecer a mesma palavra, use sempre a mesma grafia. No final do texto, liste as palavras que provocam dúvidas para facilitar a correção pelos pesquisadores.

Emoção – Quando houver choro, riso ou outra demonstração de emoção durante a entrevista, identifique com observação entre parênteses. Ex.: (riso).

Padronização – É importante adotar um padrão para a grafia de palavras estrangeiras, números, siglas, entre outros.

DIGITALIZAR IMAGENS

É importante digitalizar fotos, documentos, desenhos coletados e/ou produzidos durante o projeto. Além de permitir que os originais sejam devolvidos aos donos, a digitalização ajuda a preservar o conteúdo e disponibilizá-lo para inserção em banco de dados, bem como para uso em sites, livros, exposições, entre outros produtos.

O que é digitalização?

É o processo pelo qual um arquivo em papel (como um documento, foto ou desenho) é transformado em um arquivo digital. Dessa forma, ele pode ser armazenado no disco rígido de um computador, CD, DVD ou enviado por e-mail.

EM AÇÃO

→ Pesquisa com fotos e documentos

Você vai precisar de um scanner conectado a um computador. Também é possível terceirizar esse serviço, levando as fotografias e os documentos a uma loja especializada.

Resolução – Dependendo da finalidade, a imagem pode ser digitalizada com mais ou menos qualidade:

- 72 DPI para impressão em impressora caseira, publicação em sites ou envio por e-mail.
- 300 DPI para impressão gráfica (livros, calendários, folhetos).
- 600 DPI para impressão em grandes formatos (faixas, cartazes, painéis).

DPI – Abreviatura de dots per inch (pontos por polegada), que indica a resolução das imagens. Quanto maior o número de pontos, maior será a resolução e maior terá que ser a capacidade de processamento e armazenagem do computador.

Formato – As imagens digitalizadas em 300 ou 600 DPI ficam no formato, não compactado, TIFF (= Tagged Image File Format). As imagens digitalizadas em 100 DPI são salvas no formato TIFF primeiro e, depois de otimizadas e retocadas, passam para o formato PNG (= Portable Network Graphics). Para disponibilizar na internet, as fotos deverão ser salvas no formato JPEG (= Joint Photographic Experts Group).

Processamento de imagens – Para processar imagens em alta resolução, você vai precisar de um computador com capacidade de processamento superior a 1 GHz e com memória RAM mínima de 256 Mb.

Retques – Após a digitalização, é necessário tratar as imagens em programas de manipulação de imagens. Um deles é o Gimp, programa gratuito, disponível na internet através do endereço www.gimp.org. O Picasa, um programa disponibilizado gratuitamente pelo Google (picasa.google.com.br/), também pode ser baixado para auxiliar o grupo nessa tarefa.

Preservar o acervo

Preservar é criar condições para que o acervo resista ao tempo e possa ser usado no presente e no futuro. O primeiro passo efetivo para a preservação é a motivação de atitudes preservacionistas, que desencadeiem a compreensão dos objetivos da manutenção do acervo no fazer cotidiano das pessoas. A preservação é, portanto, um processo de reflexão que leva a uma mudança de atitude para com a história que foi construída pelo grupo.

CUIDADOS TÉCNICOS

Evite que a passagem do tempo deteriore o trabalho realizado pelo grupo. Confira as orientações básicas a seguir:

Armazenagem de acervo físico – A área reservada para preservação do acervo deve ser livre de insetos e roedores, com controle da entrada de luz natural, sem grandes alterações de temperatura, livre de umidade, infiltrações e goteiras. Antes de guardar fotos e documentos, retire cola, fitas adesivas, cliques de aço, grampos ou qualquer ferragem que possa danificá-los.

Armazenagem de acervo digital – Para não ocupar espaço no disco do computador, bem como permitir o deslocamento do material, convém armazenar as imagens em CD ou DVD. Vale fazer uma cópia dos originais.

Higienização – A remoção da sujeira superficial (que está solta sobre o documento) é realizada através de pincéis, flanela macia, cotonetes e aspirador. Cada tipo de material merece cuidados específicos.



- Produtos
- Edição
- Além dos produtos
- Nossa história, nosso cotidiano

Para fechar o ciclo do fazer histórico, é importante socializar as histórias registradas e organizadas.

Socializar história é tornar o acervo produzido disponível para o público, divulgar a iniciativa, difundir o conteúdo e, sobretudo, incorporar os processos de registro e preservação da memória nas práticas cotidianas da instituição e da comunidade.

Tornar as histórias narradas conhecidas e valorizadas pela sociedade é uma estratégia fundamental para contribuir para o desenvolvimento social baseado no respeito e na compreensão das múltiplas experiências e visões de mundo das pessoas e grupos que compõem nossa sociedade hoje.

Vale ressaltar que a socialização faz parte de todo o processo do projeto. Basta lembrar do entrevistador que ouve o depoimento ou do grupo presente na roda de histórias. Como já dissemos, cada participante deve ser estimulado a comunicar sua experiência. Entretanto, no final do projeto, reunidas, organizadas e articuladas, as narrativas ganham mais impacto e alcance.

A socialização da história pode acontecer em diferentes níveis – do grupo envolvido ao público mundial da internet. O importante é que o grupo discuta onde e como quer socializar sua história, recuperando o propósito do projeto: para quem se quer contar a história? O que se quer provocar em quem está ouvindo?

Para começar, é importante socializar o conteúdo do projeto para os próprios entrevistados. Com certeza, eles vão gostar de receber uma cópia do vídeo ou áudio com o registro da entrevista. Também ficarão felizes em receber um exemplar dos produtos criados, bem como se sentirão lisonjeados com o convite para os eventos do projeto.

Produtos

Não por acaso, quando se pensa em projetos de memória, logo se imagina um livro ou uma linda exposição, como nos museus. A elaboração de produtos é uma maneira bastante eficiente de difundir e preservar o conteúdo produzido. Como produto cultural, o trabalho passa a ter uma existência social que vai além do grupo realizador da iniciativa.

Ao mesmo tempo, pensar num produto é uma boa estratégia para motivar o trabalho. É um marco concreto de valorização da história do grupo, bem como de sua experiência no projeto. Cumpre o papel importante de mostrar “resultados”, ajuda a fechar ciclos e dar novo impulso ao projeto.

É fundamental que a escolha do produto seja discutida e planejada coletivamente, garantindo seu sentido e resultados.

EM AÇÃO

→ Perguntas orientadoras para definir os produtos

Discuta com o grupo as seguintes perguntas. Pode-se adotar a dinâmica de anotar as respostas para cada uma em tarjetas até que se chegue a um consenso.

Público-alvo – Para quem queremos contar a história? Qual é o perfil de nosso público? Qual a linguagem adequada? Quais os meios para alcançá-lo? Qual o tamanho de nosso público?

Conteúdo – Qual tipo de conteúdo temos? Produzimos textos, temos imagens? Há material em áudio? Vídeo?

Objetivos – Para quê? O que queremos promover?

Recursos – Quais recursos financeiros, técnicos, materiais necessários? Quais deles estão presentes no grupo? Quais as alternativas de viabilização?

Tempo – Que prazo temos para elaborar o produto? Qual a complexidade? Qual a experiência necessária?

Processo – Quais etapas para elaboração e lançamento do produto?

Edição

A elaboração de produtos passa pela escolha e articulação de conteúdos. Um vídeo, por exemplo, não poderá exibir a íntegra de todas as entrevistas gravadas. Uma exposição, por sua vez, resulta da seleção e da organização de imagens, textos e objetos. O mesmo acontece na hora de fazer um livro. Entra em cena o processo de edição: definir os conteúdos do produto e organizá-los de forma coerente e atrativa para o público que se deseja alcançar.

No grupo, a tarefa de edição pode ser assumida por quem tiver maior familiaridade com o trabalho. Há sempre a alternativa de buscar profissionais da área ao pensar nos voluntários e parceiros do projeto.

Vale ressaltar que se pode optar por uma edição com mais ou com menos interferências, mas sempre haverá a marca e a responsabilidade do editor, que tem como missão trazer as histórias para que os leitores percebam e se emocionem com as falas dos entrevistados.

A seguir, apresentamos três sugestões de produtos e algumas informações que podem ser úteis para realizá-los.

Livros

Existem muitas maneiras de fazer uma publicação: desde a confecção de livros artesanais, com o envolvimento dos participantes do grupo em oficinas, até livros profissionais, preparados por editores, revisores e designers. De qualquer forma, a concepção do produto (incluindo definição de público-alvo, formato, projeto gráfico, linguagem) e a coordenação do processo deve ser realizada pelo grupo.

A originalidade e a consistência de um livro dependem de três ingredientes:

Conceito gerador – Qual história se quer contar e como? É o fio condutor da narrativa. Por exemplo: a história dos trabalhadores pode ser contada a partir da história de sua luta sindical.

Projeto editorial – Corresponde à planta de um prédio, descreve como o produto vai se estruturar, como o conteúdo vai ser distribuído pelo espaço disponível. Ou seja, quantos capítulos a publicação terá? Qual será o conteúdo de cada capítulo? Qual a relação entre títulos, histórias, imagens, legendas e gráficos?

Projeto gráfico – É a dimensão visual do projeto editorial, é a “cara” da publicação. O projeto gráfico deve facilitar a leitura e valorizar o conteúdo. Também traduz o estilo eleito pelo grupo (ousado, informal ou sóbrio, tradicional). Quais serão as cores principais? Haverá ilustrações complementares?

Edição de texto

Algumas posturas podem ser acordadas com antecedência em relação, por exemplo, aos cacoetes de linguagem, correções gramaticais, inversões de fala. De qualquer forma, convém manter a oralidade, o tom coloquial e o ritmo da narrativa, valorizando o estilo da pessoa. Em nenhum caso, no entanto, devem ser criados novos conteúdos, incluindo “falas” na narrativa do entrevistado.

Perceba, no exemplo a seguir, as alterações que foram feitas no texto transcrito:

MEU PRIMEIRO VESTIDO

Trecho transcrito

- E a escola, como é que era a escola?

- A escola era... Até o vereador, que já é falecido desse bairro, né? Foi ele que montou a primeira escola lá no São João. Lá não tinha carteira, nós sentávamos no chão. Era no chão, cruzava as pernas, o caderninho em cima e nem bolsa não tinha. E ali, a gente ia fazendo.

A professora não tinha lousa, ela passava no próprio caderno mesmo, ensinando fazer aquelas cobrinhas, aquelas coisas. A gente foi indo, foi indo, foi indo. Era até Amélia o nome dessa professora, uma professora bonita. Nossa, era linda! Eu olhava para ela, falei: “Um dia vou aprender a ensinar igual a ela.” Aquele maior orgulho, pegava o caderno e ia para a escola. Aí, quando eu comecei a conhecer as letrinhas e juntar as palavrinhas. Aí, aquilo lá já fui...

Aí foi indo, e aí comecei minha sede de aprender. Eu falei: “Se Deus me der oportunidade, enquanto eu tiver vida e saúde, eu vou estar aprendendo, ou vou estar ensinando.” Aí, foi. Aí, eu terminei. Fiz o primeiro ano, aí teve um concurso de quem tirasse a melhor nota nas matérias, aí eu consegui tirar. Aí, esse vereador dava um vestido. Aí, eu ganhei um vestido roxinho. Aquele ali era meu vestido da festa. Todo lugar que ia, era aquele vestidinho.

- Como é que era esse vestidinho?

- Era um vestido tipo vasê, tinha um bolsinho na frente e de alcinha, com decote quadrado. Nossa, aquilo ali era minha paixão, aquele vestido! Ainda que foi um prêmio que eu ganhei e era o primeiro vestido novo que eu tinha, que ninguém tinha usado.

Trecho editado

Foi o vereador, que já é falecido, que montou a primeira escola lá no São João. Não tinha carteira, nós sentávamos no chão. Cruzava as pernas, o caderninho em cima. A professora não tinha lousa; ela passava no próprio caderno mesmo, ensinando a fazer aquelas cobrinhas. A gente foi indo, foi indo, foi indo. Era Amélia o nome dessa professora, uma professora bonita. Nossa, era linda! Eu olhava para ela e falava: “Um dia vou aprender a ensinar igual a ela.” Aquele orgulho: pegava o caderno e ia para a escola.

Quando eu comecei a conhecer as letrinhas e juntar as palavrinhas... Começou minha sede de aprender. Eu falei: “Se Deus me der oportunidade, enquanto eu tiver vida e saúde, eu vou estar aprendendo ou ensinando.” Então, eu terminei. Fiz o primeiro ano. Teve então um concurso de quem tirasse a melhor nota, esse vereador dava um vestido. E eu ganhei um vestido roxinho! Aquele ali era meu vestido da festa. Todo lugar que ia, era aquele vestidinho. Era um vestidinho tipo “vasê”, tinha um bolsinho na frente, com alcinha e decote quadrado. Era minha paixão, aquele vestido! Foi meu primeiro vestido novo, que ninguém tinha usado.

Maria Valderez dos Santos, química, nascida em Campo Grande (AL), em 1º de agosto de 1956, em depoimento ao Museu da Pessoa em 2003

| DICAS |

→ Para editar entrevistas transcritas

- **Cacoetes de linguagem** – Se prestarmos atenção na fala, iremos perceber que muitas vezes exageramos nos tá, né, hein, então, viu. No texto escrito, essas repetições ficam cansativas. Os excessos devem ser eliminados sem prejudicar a narrativa.
- **Pontuação** – Mesmo que o entrevistado fale por períodos muito longos, sem pausas, no texto é importante ter pontuação correta para ajudar na leitura do depoimento.
- **Inversões** – Na fala, muitas vezes não estruturamos a frase de forma direta, pois falamos o que nos ocorre primeiro e só depois completamos. No texto, essa inversão pode confundir o leitor e deve ser reordenada.
- **Correção gramatical** – Os erros gramaticais, principalmente os de concordância verbal, devem ser revistos na edição. No entanto, pode-se optar por preservar modos peculiares da fala regional quando o entrevistado é um imigrante, por exemplo.

Vídeos

Assim como um livro, editar um vídeo é escolher conteúdos e organizá-los de maneira a contar uma história interessante para o público. Mais uma vez, ao trabalhar com as entrevistas de história de vida, é preciso respeitar a narrativa do entrevistado, sem alterar o significado de seu discurso. É importante manter a essência do que é dito pela pessoa, inclusive sua forma de expressão, bem como valorizar os trechos mais interessantes e únicos do depoimento.

| DICA |

Biblioteca de vídeos

Vídeos produzidos pelo Museu da Pessoa no Projeto Memória dos Brasileiros. Veja como as entrevistas foram editadas e transformadas em um produto para a internet.

Acesse o blog: www.memoriadosbrasileiros.com.br

EM AÇÃO

→ Procedimentos básicos para editar um vídeo

- A edição é feita no computador, por meio de softwares específicos, como os comerciais. O grupo pode optar por programas gratuitos, que estão disponíveis na internet, como o Cinelerra (www.cinelerra.org).
- Aconselha-se que a pessoa responsável pela edição faça a decupagem da gravação. Ou seja, assista ao que foi gravado e vá anotando os momentos mais marcantes e as características do material disponível: qualidade da imagem (foco, enquadramento), do som (dá para entender o que o entrevistado diz? Há ruídos que atrapalham?). É preciso anotar a minutagem. Veja:
10m30s–12m40s: Entrevistada fala sobre sua chegada no bairro, 40 anos atrás. Som e imagem excelentes.
20m30s–23m: Entrevistada se emociona ao falar sobre a chegada de saneamento básico na comunidade. O microfone falhou por alguns segundos.
- Com a decupagem em mãos, é hora de pensar no roteiro. Como a história será contada? Em que sequência as imagens selecionadas vão aparecer? Haverá trilha sonora? Qual?
- Não é necessário capturar para o computador tudo que foi gravado: basta selecionar os trechos que, segundo o roteiro, poderão ser usados no vídeo final.



- Esses trechos devem ser salvos numa pasta do computador e organizados em blocos para evitar confusão no trabalho.
- Com todas as cenas organizadas no computador, o editor deve lançá-las na time-line (linha do tempo) do software de edição. Nesse processo, as cenas são organizadas e podem ser incluídos efeitos (de transição, de imagem, corrigir o contraste, a iluminação, inserir legendas) e a trilha sonora.
- Na time-line, o editor constrói o vídeo decidindo quais planos, com qual duração, quais os cortes. Os programas de edição possuem ferramentas específicas para “cortar” as imagens, juntar as cenas etc. As possibilidades são quase infinitas.
- Com o vídeo terminado, o editor precisa retirá-lo do computador, gravando-o em um CD ou DVD. Depois dessa etapa, o vídeo está pronto para ser assistido.

Para tornar os vídeos produzidos acessíveis a um maior número de pessoas, o grupo pode colocá-los na internet. Um caminho é se cadastrar no Youtube, um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos. O endereço é: www.youtube.com. Lembre-se: você só poderá publicar material de que tenha a autorização de uso de imagem assinada pelo entrevistado.

Áudios

Programas de rádio ou web-rádio, CDs educativos, intervenções em shows, instalações em exposições. Um produto em áudio também precisa ser pensado em função do público, dos recursos e dos objetivos do projeto. Depois, é necessário criar um roteiro, prevendo conteúdos, organização e duração. Uma etapa chave é a edição das histórias de vida, como na elaboração de um texto ou vídeo.

EM AÇÃO

→ Procedimentos básicos para produção em áudio

1. A manipulação de qualquer arquivo de áudio depende do formato original de captação:
 - Caso a gravação tenha sido feita em gravadores digitais, a primeira providência é capturar o arquivo para o computador e, na sequência, transformá-lo em algum formato padrão, como o Wave. Em alguns casos, o próprio gravador já grava nesse formato, ou mesmo em MP3, o que agiliza o processo.
 - Se a gravação for feita diretamente em CD, basta copiar o arquivo original para o computador. É possível, ainda, transformar esse material em MP3, caso a intenção seja lançar o arquivo na internet, por exemplo. Esse processo é feito por softwares específicos.
 - Quando se precisa utilizar o áudio de gravações feitas em vídeo, é necessário digitalizar o trecho desejado. Na sequência, usando o mesmo software de edição, deve-se exportar apenas o áudio, gerando um arquivo Wave.
 - Se a gravação for realizada em aparelhos de MD, há a necessidade de copiar o material para CD, viabilizando, assim, a inserção do arquivo no computador.
2. Digitalizado, o arquivo deve ser aberto em um programa específico de edição de áudio, como o Audacity (baixe gratuitamente em <http://audacity.sourceforge.net/>). Além de selecionar e ordenar trechos, o programa permite melhorar a qualidade da gravação, aumentando a intensidade sonora de determinadas falas ou minimizando certos ruídos, por exemplo. Vale ressaltar que essas melhorias são limitadas.

O que é web-rádio?

Web-rádio é uma estação semelhante a uma rádio FM, mas que é difundida na internet graças à tecnologia do *streaming*. Para ouvir, basta ter um computador com acesso à internet, acessar a página da web-rádio e ouvir os programas.

O roteiro a seguir é um exemplo do programa de rádio “Memória do Cidadão”. Entre 2002 e 2003, em uma parceria inédita com a emissora Cultura AM (1200 KHz), histórias do acervo do Museu da Pessoa.Net foram veiculadas diariamente no rádio, sob a voz dos próprios personagens. Com duração média de três minutos, o programa trazia moradores anônimos da cidade de São Paulo relatando episódios de sua infância e juventude, falando do dia a dia, do trabalho e de suas paixões, como o futebol. Veja:

[Vinheta de abertura]

Locutor 1: *A campineira Consuelo de Toledo Silva tinha apenas sete anos de idade quando foi testemunha de bombardeios aéreos contra a sua cidade. Era a Revolução Constitucionalista de 1932; os aviões e as bombas, getulistas.*

Trecho de depoimento: *Em 32, vieram mais os aviões, que vieram bombardear São Paulo, vieram bombardear Campinas... Mas em Taubaté, no Vale do Paraíba, que eu me lembre, não tinha essas coisas. Santos Dumont ficou até arrependido de inventar o avião. Dizem que foi uma das causas do suicídio dele: ver o avião bombardeando São Paulo. Todo mundo se escondeu. Eu tive um tio que se escondeu. Ele morava ali na Liberdade, se escondeu no porão da casa com a família por causa dos bombardeios, e no porão ele encontrou uma Bíblia. Acabou lendo a Bíblia enquanto vinha a revolução e virou presbiteriano, sabe?*

[Vinheta de fechamento]

Além dos produtos

Realização de eventos

Outro caminho para socializar as histórias é organizar eventos que promovam vivências sobre a memória, bem como divulguem as histórias registradas. Por outro lado, as fontes históricas produzidas pelo projeto podem se firmar como fontes de pesquisa para o público interno ou externo. Cada vez que um novo fôlder, relatório, reportagem ou publicação forem elaborados, as histórias terão presença garantida.

Espaços de memória

Reafirmando a construção da memória como um processo permanente, inserido no cotidiano, um espaço – ou espaços – de memória pode ser organizado como local de referência para preservação e disponibilização do acervo produzido na íntegra e também dos produtos, bem como de continuidade e articulação de iniciativas.

Nossa história, nosso cotidiano

Para além de compartilhar o acervo do projeto, socializar história significa usar os conteúdos e ferramentas do projeto nas práticas cotidianas da comunidade, grupo ou instituição. A entrevista de vida, a linha do tempo, a roda de histórias ou o trabalho com fotos podem se tornar ferramentas poderosas para o grupo enriquecer, expandir, aprofundar sua atuação.

A percepção de que cada um é autor da história individual e coletiva, e que ouvir a história do outro ajuda a compreender e a intervir melhor na realidade, podem se tornar aprendizados inspiradores de novas posturas e práticas na escola, no sindicato, na empresa ou em qualquer outra instituição ou comunidade.

As histórias registradas e processadas podem começar a ser utilizadas, por exemplo, na gestão do conhecimento de uma instituição. Podem também ser incorporadas no processo de avaliação dos relacionamentos institucionais ou na medição do impacto social do trabalho desenvolvido. As histórias se revelam como fonte inigualável de conhecimentos, práticas e valores.

Ao reconhecer a construção e a organização das histórias como meio de fortalecer a identidade e a coesão do grupo e de ampliar a compreensão de mundo, ela pode se tornar instrumento de diagnóstico local e planejamento de ações. Antes de investir em uma nova ação, é considerada a experiência de vida das pessoas. As próprias políticas públicas – seja na área de moradia, educação ou saúde – podem incorporar a prática de ouvir os saberes e sonhos da população envolvida antes de deliberar um novo projeto.

Na escola, um projeto de memória local pode ser o ponto de partida para que a história das pessoas comuns seja reconhecida e valorizada de maneira permanente no aprendizado da história. A história transmitida na sala de aula não será mais apenas a “história oficial”. Ao perceber o outro como autor e agente da história, cada um começa a se ver no mesmo papel.

Talvez esse seja o maior ganho de um projeto de memória: (re)apropriar-se da prática de contar, ouvir, registrar e organizar nossas histórias, num movimento permanente de conhecer a si mesmo, seu grupo, os outros, e melhor participar do desenvolvimento da História.

| UM PASSO A MAIS |

Para mais detalhes e tutoriais sobre edição de áudio e vídeo, visite:
www.estudiolivres.org
www.portalgens.com.br

Veja outros exemplos de vídeos editados em www.memoriasdaliteratura.art.br. O site Memórias da Literatura Infantil e Juvenil guarda uma interessante exposição de vídeos.

GLOSSÁRIO

CONCEITO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
ACERVO	“Bens culturais, de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, que compõem o campo documental de determinado museu, podendo estar ou não cadastrados na instituição. É o conjunto de objetos/documentos que corresponde ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação de um museu.”	FRANÇA, Maria Célia. “Museus acolhem o moderno”. <i>In: Caderno de diretrizes museológicas 1</i> . Belo Horizonte: Secretaria de Cultura/Superintendência de Museus, 2002, p. 143.
FONTE	“O estudo do passado não pode ser feito directamente, mas de forma mediada, através dos vestígios da actividade humana, a que é dado o nome genérico de fontes históricas. Embora com ligeiras cambiantes no significado, também se utilizam termos como documentos, testemunhos, vestígios ou monumentos.”	DIAS, J.P. Sousa. Disponível em < http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/Farmacia-e-historia/node10.html >. Acessado em 10 de julho de 2006.

CONCEITO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
FUNÇÃO SOCIAL DA HISTÓRIA	“A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando, os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história.”	FEBVRE, Lucien. <i>In: LE GOFF, Jacques. História e memória</i> . Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 26.
HISTÓRIA	“Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula.” “Penso que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa [...]”	LE GOFF, Jacques. <i>História e memória</i> . Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 18 e 25.

CONCEITO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
HISTÓRIA DE VIDA	“A história de vida é a narrativa construída a partir do que cada um guarda seletivamente em sua memória e corresponde a como organizamos e traduzimos para o outro parte daquilo que vivemos e conhecemos. (...) Por isso dizemos que a história de vida não conta apenas o ‘passado’ de uma pessoa, mas revela muito sobre seu presente e indica como ela vislumbra seu futuro.”	“Como fazer um projeto de Memória Oral.” <i>In: História falada – memória, rede e mudança social</i> . São Paulo: Sesc – SP / Museu da Pessoa, no prelo.
HISTÓRIA ORAL	“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só de dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história.”	THOMPSON, Paul. <i>A voz do passado: história oral</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

CONCEITO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
MEMÓRIA	“A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade.”	ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. <i>In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas</i> . São Paulo: Contexto, 2005, p. 167.
MEMÓRIA COLETIVA	“Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiar, escolar, profissional. Esses atam a memória de seus membros, que acrescentam, unificam, diferenciam, corrigem e passam a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação.”	BOSI, Ecléa. <i>Memória e sociedade. Lembranças de velhos</i> . São Paulo: T. A. Queiroz – Editora da USP, 1987, p. 332 e 333.

CONCEITO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
MEMÓRIA INDIVIDUAL	“Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e, das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, para ele, só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.”	BOSI, Ecléa. <i>Memória e sociedade. Lembranças de velhos</i> . São Paulo: T. A. Queiroz - Editora da USP, 1987, p. 333.
POLÍTICA DE ACERVO	“Diretrizes definidas pelo museu, visando à constituição e à dinamização de acervos, através do recolhimento e da incorporação sistemática de objetos, que é balizada pelo perfil identitário daquele museu. Em contraposição, a política de aquisição de acervo pressupõe a política de descarte de acervo, procedimento necessário em decorrência de recolhimentos e incorporações indevidos realizados ao longo do tempo.”	CADERNO de Diretrizes Museológicas 1. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura/Superintendência de Museus, 2002, p. 146.

CONCEITO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
SUPOORTE	“É o material físico no qual a confecção da obra irá se desenvolver e onde a informação é registrada, como, por exemplo, o papel, a argila, a tela e a madeira.”	CADERNO de Diretrizes Museológicas 1. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura/Superintendência de Museus, 2002, p. 147.
TECNOLOGIA SOCIAL	“Produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social. (...) As tecnologias sociais podem aliar saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico. Importa essencialmente que sejam efetivas e reaplicáveis, propiciando desenvolvimento social em escala.”	Disponível em < http://www.tecnologiasocial.org.br/ >. Acessado em 10 de julho de 2006.
TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA	“Tecnologia social da memória pode ser definida como conjunto de conteúdos e ferramentas que incentive comunidades, organizações da sociedade civil e empresas a construir sua história, intensificando sua possibilidade de intervenção social.”	“Relatório histórico”. <i>In: FBB 20 anos: criando memória compartilhada</i> . São Paulo: Museu da Pessoa, 2005.

TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA

Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias

Parceria

Fundação Banco do Brasil

www.fundacaobancodobrasil.org.br

Presidente

Jacques de Oliveira Pena

Diretores Executivos

Jorge Alfredo Streit

Dênis Corrêa

Gerente de Comunicação e Mobilização Social

Claiton Mello

Gerente de Educação e Cultura

Marcos Fadanelli Ramos

Assessora Técnica

Juliana Mary M. Ganimi Fontes

Abravídeo

www.abravideo.org.br

Presidente

Gilberto Medina

Supervisão Geral

Ruy Godinho

Coordenação de Produção

Viviane de Jonas

Execução Técnica

Museu da Pessoa

www.museudapessoa.net

Direção

Karen Worcman

Ely Harasawa

Projetos Especiais

José Santos Matos

Memória Institucional

Márcia Ruiz

Supervisão

Claudia Fonseca

Sônia London

Coordenação

Marcia Elias Trezza

Formação

Sônia London

Marcia Elias Trezza

Rosali Henriques

Produção

Isaac Deluca Patreze

Acervo

Rosali Henriques

Gustavo Ribeiro Sanchez

Produção de Conteúdo – 1ª versão

Carol Misorelli

Cláudia Leonor

Immaculada Lopez

Karen Worcman

Marcia Elias Trezza

Rosali Henriques

Simone Alcântara

Sônia London

Soraya Moura

Zilda Kessel

Edição Final – 1ª versão

Immaculada Lopez

Atualização Editorial

Ana Paula Severiano

Revisão

Sílvia Balderama

Apoio Operacional

Jefferson Santos

Keli Cristina Garrafa dos Santos

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica e Tratamento de Imagens

GFK Comunicação

